

Universidade do Minho

Instituto de Ciências Sociais

Ana Filipa da Cunha Cerqueira

**A Vigilância nas Sociedades Contemporâneas:  
o Panóptico Digital**

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade

Trabalho realizado sob orientação da

**Professora Doutora Rita Maria Gonçalves Ribeiro**

Janeiro de 2020

## DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

*Licença concedida aos utilizadores deste trabalho*



**Atribuição  
CC BY**

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

## DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

# A Vigilância nas Sociedades Contemporâneas: o Panótico Digital

## Resumo

No mundo atual, a questão da vigilância digital começa a estar no centro das atenções. Esta investigação será focada no tema da vigilância na sociedade contemporânea, efetuada seguindo um novo modelo de poder denominado como panótico digital. Este estudo tem como principal objetivo perceber até que ponto a segurança e privacidade se encontram comprometidas na comunicação digital, analisando os impactos da tecnologia na interação digital. A metodologia utilizada nesta investigação será de carácter qualitativo e quantitativo. A metodologia qualitativa baseou-se na realização de um grupo de foco, promovendo a discussão de ideias, experiências e opiniões entre os participantes, de forma a obter informação sobre atitudes e práticas sociais em contexto de comunicação digital. A metodologia qualitativa foi utilizada através de um inquérito por questionário online com o intuito de recolher informações sobre os utilizadores destas redes, questionando-os sobre os seus cuidados e preferências nestes meios. Os resultados alcançados permitirão avaliar a perceção que os indivíduos têm sobre vigilância, privacidade e segurança nas redes sociais e outras plataformas de interação digital e a forma como estes se previnem, ou não, de situações de risco.

**Palavras-chave:** Panótico Digital; Privacidade Digital; Segurança Digital; Sociedade de Vigilância

# Surveillance in Contemporary Societies: the Digital Panopticon

## Abstract

In today's world, the issue of digital surveillance is beginning to take center stage. This investigation will focus on the theme of surveillance in contemporary society, carried out following a new model of power called digital panoptic. The main objective of this study is to understand to what extent security and privacy are compromised in digital communication, analyzing the impacts of technology on digital interaction. The methodology used in this investigation will be qualitative and quantitative nature. The qualitative methodology was based on the realization of a focus group, promoting the discussion of ideas, experiences and opinions among the participants, in order to obtain information about social attitudes and practices in the context of digital communication. The quantitative methodology was used through an online questionnaire survey in order to collect information about the users of these networks, asking them about their care and preferences in these media. The results achieved will allow to evaluate the perception individuals have about surveillance, privacy and security on social networks and other platforms for digital interaction and the way they prevent, or not, risk situations.

**Keywords:** Digital Panopticon; Digital Privacy; Digital Security; Surveillance Society

## Índice

Direitos de autor e condições de utilização do trabalho por terceiros.....	ii
Declaração de Integridade .....	iii
Resumo.....	iv
Abstract.....	v
Introdução .....	1
Enquadramento .....	3
1. Vigilância.....	3
1.1 O Panótico.....	5
1.2 Vigilância no mundo virtual .....	6
1.3 Privacidade.....	8
2. Novas Tecnologias: a Internet .....	9
2.1 Facebook.....	11
2.2 O Facebook como panótico.....	12
2.3 Redes utilizadas como forma de vigilância e recolha de dados – Big Data.....	13
3. Enquadramento Metodológico .....	15
4. Apresentação de resultados: grupo de foco .....	18
5. Apresentação de resultados: inquérito por questionário .....	22
5.1 Discussão de resultados: inquérito por questionário e grupo de foco .....	33
Conclusão .....	36
Referências Bibliográficas .....	38
Anexos .....	40
Anexo 1. Guião de entrevista do grupo de foco .....	41
Anexo 2. Transcrição da entrevista do grupo de foco .....	43
Anexo 3. Inquérito por questionário online.....	51

## Introdução

A presente investigação foi realizada no âmbito da dissertação de Mestrado inserida no plano de estudos do Mestrado de Crime, Diferença e Desigualdade.

Procurou-se perceber quais as atitudes e práticas sociais no contexto da comunicação digital por parte dos utilizadores de redes. Esta dissertação inicia-se com uma revisão bibliográfica pertinente para este estudo, para o qual definidos como objetivos principais captar as atitudes e práticas sociais no contexto da comunicação digital, de forma a tentar compreender o comportamento dos utilizadores perante as novas tecnologias; perceber até que ponto a segurança e privacidade se encontram comprometidas na comunicação digital, tentando perceber até que ponto os utilizadores têm comportamentos considerados arriscados nas redes sociais e analisar os impactos da tecnologia na interação digital.

O presente estudo está organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, são abordados os principais conceitos relacionados com as questões de investigação. Começa-se por abordar o conceito de vigilância, a sua evolução ao longo dos tempos e a sua relação com a sociedade moderna em que estamos inseridos. Depois, aborda-se o surgimento do modelo panótico, explicado a finalidade do seu surgimento e a forma como este atua. Em seguida, é analisada a vigilância no mundo virtual identificando quais as formas de vigilância existentes e as mais utilizadas. Por último, aborda-se o conceito de privacidade, um dos conceitos centrais neste estudo, através da perspectiva de diferentes autores.

No segundo capítulo é desenvolvido o tema das tecnologias digitais, mais concretamente da Internet e onde se aborda o seu surgimento e desenvolvimento na sociedade contemporânea e, com isso a criação do “mundo virtual”. Um dos casos abordados neste estudo é a rede social Facebook, sendo feita uma comparação com o modelo panótico analisado por Michel Foucault. Por fim, é abordada a questão das redes sociais servirem como instrumento de vigilância e de recolha de dados, e analisado o surgimento do Big Data.

No terceiro capítulo, procede-se à apresentação da metodologia utilizada nesta investigação, que foi de carácter misto. A metodologia qualitativa tornou-se indispensável para compreender as perceções dos utilizadores das redes sociais acerca da privacidade e ao mesmo tempo, a metodologia quantitativa foi igualmente importante para recolher informações sobre os utilizadores destas redes através de um inquérito por questionário online. A partir da recolha da discussão realizada no grupo de foco e das respostas do inquérito, procedeu-se a ambas as análises com o objetivo principal de descrever e compreender o comportamento dos utilizadores das redes sociais.

No quarto capítulo, são apresentados os resultados do material recolhido através da realização do grupo de foco. A partir da análise de conteúdo das enunciações produzidas através deste grupo, foi possível identificar as temáticas: Privacidade, Informações Pessoais e Mundo Virtual e Tecnologias digitais e exposição.

No quinto e último capítulo, é apresentada a análise dos resultados obtidos através do inquérito por questionário online. Nesta fase, indicadores como o género, idade, grau de escolaridade, redes sociais que utilizam e que tipo de cuidados têm nestas redes, foram alguns dos principais indicadores a ter em conta. Todos os inquiridos são utilizadores das redes sociais e a sua maioria, utiliza-as principalmente para conversar e manter contacto com amigos/familiares/colegas. A grande maioria das suas publicações está relacionada com fotos e/ou vídeos pessoais. É notório que os inquiridos encontram-se alerta quando o assunto é a privacidade e têm cuidado para que as suas publicações sejam vistas apenas por amigos/seguidores.

As análises realizadas permitiram concluir que os inquiridos na maioria dos temas encontram-se alerta quando o assunto é a privacidade e tomam as devidas medidas de prevenção. No entanto, ainda é visível que nem todas as pessoas têm consciências de alguns riscos que podem estar associados a este uso, ou ao uso sem as devidas precauções.



## Enquadramento

### 1. Vigilância

Ao ser abordado o fenómeno da vigilância nas sociedades contemporâneas, tornar-se indispensável começar por abordar o próprio conceito de vigilância.

Nos dias de hoje, sempre que se pensa em mecanismos de segurança, de controlo e de vigilância, Michel Foucault continua a ser uma referência clássica no que a estes temas diz respeito (Fróis, 2008: 67). Na década de 1970, este autor analisou a sociedade de vigilância e atualmente, a partir das suas teorias fazem-se leituras da contemporaneidade, quer para encontrar semelhanças nas questões que envolvem o assunto da vigilância e do uso do poder, quer para encontrar aquilo que possa contrariar essas teorias (Moreira e Barichello, 2015: 64; Fróis, 2008: 67).

A vigilância tem-se tornado um tema que atrai muito interesse e atenção, estando a ser cada vez mais discutido, analisado, criticado ou promovido e isto tem acontecido tanto a nível académico como na informação, através de livros, televisão e cinema (Espanha e Estevão, 2017: 117). Após este tema ter sido abordado por Michel Foucault, surgiram múltiplos estudos sobre este assunto, em que os vários autores que o abordaram também o interpretaram de diferentes formas (idem, ibidem). Anthony Giddens (1985, cit in Espanha e Estevão, 2017: 117) define o conceito de vigilância como sendo uma atenção rotineira, focada e de forma contínua, tendo como finalidade a recolha de dados para posteriormente ser possível existir uma gestão dos mesmos, influenciar, proteger ou mesmo dirigir indivíduos. Sendo assim, não se trata de algo espontâneo ou aleatório, mas, sim, pensado e estudado. Giddens (1988: 243) destaca duas das componentes referidas por Foucault no que à questão da vigilância diz respeito, embora este não as tenha distinguido com clareza. A primeira componente encontra-se relacionada com a produção de informação compilada e que permite controlar as movimentações dos atores, tanto no tempo, como no espaço. A segunda componente diz respeito à supervisão das movimentações dos atores quando o poder se encontra concentrado. Segundo o autor, esta componente em particular, foi a que mais ressaltou na abordagem de Michel Foucault quando abordou os locais onde o tempo e o espaço se encontravam implicados numa supervisão direta de determinados atores para com outros, como por exemplo nas prisões, escolas e empresas. Giddens (idem, ibidem) afirma que ambas as componentes referidas anteriormente são mecanismos indispensáveis no que toca à produção do poder.

Outro autor que contribui com a sua visão acerca do tema da vigilância foi David Lyon (2001, cit in Espanha e Estevão, 2017: 117), que interpretou este conceito como a recolha e tratamento de dados pessoais com o intuito de controlar e influenciar os indivíduos a quem estes dados foram recolhidos. Por outro lado, Catarina Fróis (2011, cit in Espanha e Estevão, 2017: 117) ressalta o poder negativo que a vigilância exerce devido ao seu controlo e disciplina, sem se saber se esta serve realmente para proteger indivíduos ou se para controlar e possivelmente penalizar alguém.

A vigilância permite que exista a produção de um certo tipo de conhecimento referente a quem se encontra a ser vigiado, e este conhecimento é considerado um aspeto fundamental para o exercício do poder (Moreira e Barichello, 2015: 65). Nas ciências sociais, a vigilância é vista como um princípio do controlo e do poder (Fróis, 2008: 193). De tal forma, é possível perceber que poder e saber se encontram ligados, com o intuito de alcançar um maior e mais profundo controlo sobre determinado objeto (idem, ibidem).

Na sociedade moderna, a vigilância abrange um vasto terreno e esta é uma componente particular da vida moderna, fazendo o seu crescimento parte do ser-se moderno (Fróis, 2008: 175; Ball e Wood: 2006 *cit. in* Fróis, 2008: ibidem). Segundo a *Surveillance Studies Network* (2006, *cit. in* Fróis, 2008:176), a sociedade da vigilância é uma sociedade que se encontra organizada e estruturada através de técnicas de vigilância e na qual são registados pela tecnologia todos os movimentos e atividades de cada um de nós, já que todos os dias e em diversas ocasiões e atividades as pessoas estão sob esta (Fróis, 2008: 255).

Alguns destes mecanismos de vigilância podem ser úteis mas outros nem sempre o são, sendo possíveis de ter algum tipo de implicação perigosa (Fróis, 2008: 255). Nem todos os cidadãos entendem ou têm noção do que pode acontecer à sua informação pessoal e na maior parte dos casos, este tipo de coisas nem sempre é uma preocupação. No entanto, se algo acontecer nas suas vidas, passam a suspeitar que algo se passou com a sua informação (idem, ibidem). Para a defesa contra os inconvenientes efeitos da vigilância é necessário que exista uma proteção da privacidade (Fróis, 2008: 256).

## 1.1 O Panótico

Outro ponto importante a ser abordado é o modelo do panótico de Bentham descrito por Michel Foucault na obra “Vigiar e Punir” (1999). O autor aborda o modelo arquitetônico denominado por Panótico e projetado por Jeremy Bentham, conhecido pelo seu poder de vigilância e controle disciplinar. Este é composto por uma construção em anel com celas, tendo estas largas janelas que permitem a luz atravessar a cela de um lado ao outro sendo possível obter uma visão total em qualquer lugar das celas; e na parte central deste anel, uma torre de vigia (Foucault, 1999: 223). O intuito deste modelo arquitetônico é a possibilidade de, colocando um vigia na torre central, poder-se observar facilmente ao seu redor todas as celas existentes e controlar assim todos os detidos, doentes, operários e condenados, já que este modelo era utilizado em várias situações (idem, ibidem). Todas as pessoas mantidas sob esta vigilância estão a ser constantemente observadas e são facilmente reconhecidas (Foucault, 1999: 224). Cada prisioneiro encontra-se trancado na sua cela e por estas terem muros laterais, impedem qualquer tipo de contacto com outros reclusos. As celas ficam de frente para o vigia, mas o detido nunca consegue ver quem se encontra a observa-lo (idem, ibidem). Este é um espaço fechado e vigiado em todos os pontos, em que os indivíduos se encontram num lugar fixo e onde todos os seus movimentos, até os menores, são sempre controlados. Assim como os movimentos, todos os acontecimentos são também registados, resultando assim num modelo compacto do dispositivo disciplinar (Foucault, 1999: 221)

No modelo panótico, enquanto os guardas na torre de vigia tinham uma visão clara sobre todas as celas e cada prisioneiro, a torre assegurava que os prisioneiros nunca conseguissem verificar se existia efetivamente a presença de um guarda. Estes sentiam-se constantemente observados tendo o seu comportamento condicionado por medo de ser visto, mesmo sem saber se realmente o estava a ser. Esta é então a chave para o funcionamento e eficácia do modelo panótico, em que a presença física de um guarda se tornava desnecessária pois a ameaça era sentida pelos prisioneiros (Fast, 2015: 3-4). O modelo panótico induz então nos reclusos, um estado consciente e permanente de visibilidade, fazendo com que o funcionamento automático do poder seja assegurado (Foucault, 1999: 224).

Anteriormente a este modelo prevalecia o modelo da masmorra e este encontrava-se apoiado em três funções principais que eram: trancar, privar da luz e esconder. A partir do momento em que nasce o novo modelo, apenas prevalece a função de trancar, já que toda a luz que entra nas celas e o

olhar de alguém sobre estas, captam melhor tudo o que se passa nelas, já que anteriormente era a sombra que protegia possíveis comportamentos transgressores (Foucault, 1999).

Por outro lado, o panótico pode ainda ser utilizado com outras finalidades para além da função de prender, tal como para experiências, estando apto para serem testado medicamentos e onde poderem ser observados os seus efeitos ou até mesmo, selecionar os operários mais eficazes fazendo com que executem técnicas previamente ensinadas (Foucault, 1999: 227). Este é descrito pelo autor como um local privilegiado que permite tornar possíveis certas experiências com homens e de forma a se conseguir analisar todas as transformações resultantes das mesmas (idem, ibidem). O modelo panótico é então caracterizado como polivalente nas suas aplicações, servindo tanto para corrigir o comportamento dos prisioneiros, como para cuidar de doentes, ter sob vigia loucos e fiscalizar operários (idem: 229). Este pode ser aplicado em todos os estabelecimentos onde se torna necessário existir uma vigilância sob um determinado número de pessoas, desde que seja um local não muito extenso, permitindo aperfeiçoar o exercício de poder (idem, ibidem).

Transportando este modelo para outras vertentes mais atuais, este pode ser utilizado nas indústrias ou serviços pelos diretores, de forma a controlar todos os funcionários. Sendo este o modelo adotado, tal como nas prisões, tem o poder de modificar o comportamento de todos os que se encontram a ser vigiados, já que basta um olhar para conseguir controlar todo o estabelecimento (Foucault: 227). Em suma, o panótico pode ser chamado de laboratório de poder graças aos seus mecanismos e á sua eficácia na capacidade de observação e controle (Foucault: 228).

## **1.2 Vigilância no mundo virtual**

A vigilância no mundo virtual também se tem tornado um tema abordado por diversos autores e mais uma vez, com opiniões distintas entre eles. O autores Manuel Castells (2001), Mark Andrejevic (2002) e Joseph Turow (2005; 2006) analisam a vigilância na Internet como algo negativo devido ao seu poder de controle, dominação e disciplina, associando ao modelo panótico abordado por Foucault (Espanha e Estevão, 2017: 118). Por outro lado, os autores David Lyon (1998; 2003), Hille Koskela (2004) e Anders Albrechtslund (2008) apresentam uma ideia contrária defendendo que a vigilância na internet em nada remete ao modelo panótico, uma vez que não existe um poder opressor sobre os indivíduos (idem, ibidem).

Para David Lyon (2004, cit in Soares, 2011: 13), existem três grandes formas de vigilância no que concerne ao espaço virtual e estando estas relacionadas com o emprego, segurança e policiamento e *marketing*. No campo do emprego, esta vigilância é estabelecida pela entidade patronal sendo efetuada através da monitorização de sites e correio eletrónico, que é acedido pelos funcionários e em que estes são supervisionados pelos diretores e supervisores, tendo como objetivo principal controlar se existiram visualizações de conteúdos inadequados ao local de trabalho, como por exemplo pornografia. Ou então, se estes mesmos funcionários aproveitam indevidamente o seu tempo de trabalho para tratar de assuntos não relacionados com o emprego (idem, ibidem). Estudos comprovam que as empresas utilizam frequentemente alguma forma de vigilância de forma a controlar a finalidade do uso da internet pelos seus funcionários (Castells, 2007: 206, cit in Soares, 2011: 13).

Na vigilância ligada à segurança e policiamento, protagonizada pelos Estados-Governo, é possível mencionar, a título de exemplo, a vigilância efetuada pela HADOPI (Alta Autoridade para a Difusão das Obras e a Proteção dos Direitos na Internet), que em França promove a luta contra os downloads gratuitos de conteúdos que se encontram protegidos por direitos autorais no mundo virtual, tal como músicas, filmes e livros (Espanha e Estevão, 2017: 118). Este tipo de vigilância monitoriza os utilizadores da internet (Soares, 2011: 13). Neste tipo de vigilância realizada pela HADOPI, existe monitorização das atividades dos utilizadores na internet, assim como permite seja possível identificar indivíduos que infrinjam os direitos autorais na internet (idem, ibidem). Existe também a vigilância que é executada através dos serviços policiais, tal como a unidade de polícia do Departamento de Justiça dos Estados Unidos, FBI (Federal Bureau of Investigation), que realiza operações que envolvem o registo do tráfego e a interrupção do envio de correio eletrónico a pessoas suspeitas de estarem envolvidas com troca de materiais ilegais, tal como a pornografia infantil (Zuidwijk e Steeves *apud* Lyon, 2004: 115 cit in Soares, 2011: 13).

E por último, a vigilância com fins comerciais e de *marketing* que através da utilização das redes web online permite que mais facilmente sejam recolhidos dados e informações acerca dos utilizadores da internet, sendo possível analisar os interesses e consumo dos utilizadores. Todas estas informações recolhidas através da rede podem transforma-se numa possível moeda de troca podendo vir a resultar numa potencial fonte lucrativa através de campanhas de *marketing* e podendo estes dados também ser comercializados (Terceiro, 1996: 185, cit in Soares, 2011: 14; Soares, 2011: 13; Fuchs, 2011, Estêvão, 2014 cit in Espanha e Estevão, 2017: 118). Posto isto, encontramos-nos perante um atentado à privacidade dos utilizadores que consequentemente envolve apreensão por parte dos mesmos pois a sua

proteção encontra-se em causa (Terceiro, 1996: 185, cit in Soares, 2011: 14). Um exemplo desta lacuna na privacidade é a procura das empresas por este tipo de informações para efeitos de *marketing* e envolvendo, claramente, um fim comercial. Existem mesmo no mercado certas tecnologias desenvolvidas exatamente com a finalidade de ter acesso a informações privadas para que seja possível traçar o perfil dos utilizadores (idem, ibidem).

Com a expansão cada vez maior dos meios digitais, duas das formas de vigilância referidas anteriormente têm sido alvo de uma grande cobertura por parte da média, sendo elas a vigilância de segurança e policiamento e a vigilância para fins comerciais e de *marketing*. Torna-se notório que vigilância de segurança e policialmente tem ganho cada vez mais destaque pois com o surgimento da grande atividade nas redes, as entidades governamentais passam a ter interesse neste assunto (Espanha e Estevão, 2017: 118). Um dos casos mais mediáticos divulgados na atualidade aconteceu em Junho de 2013, quando foi revelada a existência de uma troca de dados entre entidades tais como a NASA e empresas como a Google, Facebook, Microsoft e outras. Estas informações trocadas eram os dados de milhares de utilizadores e que continham e-mails, fotos e vídeos pessoais (Espanha e Estevão, 2017: 119).

### 1.3 Privacidade

A noção de privacidade não é um tema recente, tendo sido abordado por diversos autores e servindo, assim, a sua abordagem como forma de alertar e chamar a atenção para este direito (Cancelier, 2017: 217). Ao longo dos séculos a noção de privacidade foi sofrendo algumas alterações, mas sempre no sentido de ir alargando as fronteiras deste direito, abrangendo diferentes objetos e passando a estar presente em locais onde anteriormente seria visto como incompatível (idem: 219). Cada vez mais tem-se dado valor à privacidade, não de forma a proteger alguma conduta desviante, mas por ser algo visto como essencial para a individualidade de cada um, autonomia e bem-estar. Tudo isto para que exista um determinado controlo da informação pessoal e social de cada indivíduo (Fróis, 2008: 95).

São diversas as opiniões dos autores em relação à definição da noção de privacidade. Tunick (2015: 24-30, cit in Romele, Gallino, Emmenegger e Gorgone, 2015: 11) identifica a privacidade como sendo um isolamento, o ser-se anónimo, ou até mesmo a capacidade de controlar quem tem acesso a uma determinada informação. Westin (1967: 337, cit in idem: ibidem) define a privacidade como uma exigência por parte de indivíduos, grupos ou instituições em relação à forma como as informações sobre

estes chegam aos outros. Já o autor Garfinkel (2000: 4, cit in in idem, ibidem) refere que a privacidade não é corresponde a esconder coisas, mas está relacionada com o domínio de nós mesmos, autonomia e integridade.

Um dos temas que atualmente mais tem vindo a ser encontrado em artigos relacionados com a privacidade e a vigilância, são os debates acerca dos desenvolvimentos tecnológicos e a forma como estes podem ajudar ao aumento dos desequilíbrios de poder (Fróis, 2008: 101). Como cidadãos e tendo em conta o nosso direito, a Declaração Universal dos Direitos Humanos declara no seu artigo 12º que “Ninguém será sujeito à interferência na sua vida privada...”. No entanto, muitas das práticas de vigilância presentes na nossa sociedade ameaçam estes mesmos valores já que podemos estar a ser constantemente vigiados, quer em casa, no trabalho, em espaços públicos e em muitos outros locais e situações do quotidiano (Fróis, 2008: 256).

## **2. Novas Tecnologias: a Internet**

O surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação eletrónica, designadamente a internet, abriu uma nova janela, ampliando as formas de interação e disponibilizando uma quantidade imensa de informação (Cancelier, 2017: 227). Segundo Greenwald (2014, *cit. in* Cancelier, 2017: ibidem), a internet tornou-se num local onde quase tudo é possível acontecer e onde também, a partir de lá, podem ser criados e armazenados os dados mais exclusivos de cada um de nós. Os benefícios associados à era digital no nosso quotidiano são inúmeros, facilitando em diversos aspetos as nossas vidas. Todavia, no que à privacidade diz respeito, a internet trouxe à tona algumas questões, pois, por esta se encontrar num plano digital, não é possível controlar da mesma forma a privacidade como no plano físico e material (Cancelier, 2017: 227).

No mundo virtual, para além do que é partilhado poder ser visualizado por todos no mesmo instante e este ser um dos maiores atrativos das novas tecnologias, isto constitui ao mesmo tempo um dos maiores perigos pois a propagação imediata da informação não permite arrependimento. (idem: 228). Uma vez que algo é partilhado, não há como ser apagado definitivamente, encontrando-se nas “mãos da internet” e estando esta informação suscetível a olhares por parte de desconhecidos de todo o mundo (idem, ibidem; Ali, 2018: 63).

É possível notar que a internet, para além de ter intensificado a invasão da privacidade, teve o efeito de os indivíduos negligenciarem, permitindo a exposição (im)ponderada das suas informações privadas (Cancelier, 2017: 228). Algumas redes sociais, tal como o Facebook, utilizam configurações de privacidade onde o utilizador é “obrigado” a fornecer alguns dos seus dados pessoais para que possa usufruir da aplicação digital em questão. Estas aplicações digitais que são utilizadas nos telemóveis, encontram-se habilitadas para identificar e recolher dados dos seus utilizadores, que vão desde contactos, ficheiros e até localização atual (Espanha e Estevão, 2017: 120). Segundo Bauman (2014, *cit. in* Cancelier, 2017: *ibidem*), é notório que o medo da exposição passou a ser secundário, uma vez que alegria de ser notado tornou-se superior à preocupação com a privacidade. A vigilância na sociedade contemporânea é designada como um fenómeno complexo que é movido por diversos interesses, tanto económicos como políticos (Espanha e Estevão, 2017: 121).

Cada vez mais as novas tecnologias de informação e comunicação estão presentes no nosso quotidiano sobrepondo-se às barreiras tradicionais existentes, com o intuito de facilitar a comunicação e o seu uso pode ser considerado banal, já que não é visto como uma novidade (Fróis, 2008: 93; Moreira e Barichello, 2015: 65-66). Se por um lado a utilização destas formas de comunicação têm a tarefa de facilitar, por outro lado, todas as nossas ações e atividades podem ser controladas (Barichello, 2015: 65-66). Ao serem realizadas hoje em dia aquelas que são vistas como as mais simples tarefas a serem realizadas através da utilização da internet, tal como aceder a redes sociais, trocar mensagens com amigos, visitar sites e blogs ou fazer alguma compra online, todas estas ações e informações podem ser armazenadas e utilizadas conforme o interesse de quem exerce essa vigilância sobre a pessoa em questão (Moreira e Barichello, 2015: 65).

Este tipo de vigilância por detrás do ecrã possui certas características, tratando-se de um olhar de vigia que prima por ver mas sempre sem ser visto, fazendo com que aquele que vigia seja invisível, o que a torna esta ainda mais efetiva (Moreira e Barichello, 2015: 66-67). No entanto e apesar de não ser algo físico e visível, a sua presença não deixa de ser sentida, podendo ser denominada de omnipresença (*idem*: 67).

Em suma e tal como acontece no modelo panótico de Bentham, nas sociedades contemporâneas, o panótico digital tem a principal função de ver, sem que o indivíduo possa saber ou controlar quando isso está efetivamente a acontecer. É possível concluir que as novas tecnologias trouxeram muitas novidades e coisas positivas, no entanto os utilizadores com frequência não têm a



perceção do que pode acontecer com a sua informação pessoal. Torna-se necessário que existam alguns cuidados e o que os utilizadores tenham noção dos perigos existentes.

Encontramo-nos perante o bom e o mau das tecnologias digitais, pois enquanto estas permitem a facilidade de produção, recolha e transmissão de informação de forma muito mais facilitada; ao mesmo tempo também apresentam uma fragilidade relacionada com vigilância e controlo por parte de outros (Soares, 2011: 14).

## 2.1 Facebook

Quando a internet surgiu, para muitos este aparentava ser um espaço que permitia a libertação, já que o acesso à informação era limitado, pois esta ainda era escassa e não existiam muitas formas de controlo (Soares, 2011: 16).

Para Fast (2015:34), a rede social Facebook é considerada uma plataforma que permite aos utilizadores revelar as suas vidas sob o olhar de uma audiência chamada de “amigos”. Esta rede permite aos utilizadores sentirem-se próximos, independentemente da sua localização e nela são inseridas múltiplas informações pessoais, tais como nome, e-mail, localização, fotografias, vídeos e gostos pessoais.

Segundo Fast (2015), foi em Fevereiro de 2004 que se assistiu ao nascimento de um sofisticado sistema prisional. Uma prisão sem qualquer localização, encontrando-se esta visível para todos e em qualquer lugar, estando o autor a referir-se à rede social denominada por “Facebook”. A criação desta rede teve como principal objetivo permitir que existisse um controlo constante dos seus prisioneiros, assim como também a recolha de dados e comportamentos dos mesmos (Fast, 2015: 1). Esta é apenas uma das redes sociais mais populares na última década, que possibilitam a publicação de materiais visuais tal como fotos, alteração de estado através de texto, envio de comentários e até mensagens (Haynes 2016: 46 cit in Ali, 2018: 61).

Nos dias de hoje estamos sujeitos a ser constantemente observados, pesquisados e até analisados. Uma vez que os utilizadores das redes sociais compartilharem a sua vida pessoal diariamente, mais propriamente através de upload de informações, estas pode estar a ser observada por inúmeros estranhos. No entanto, a perceção ou sensação de vigilância é deixada de lado por parte dos

utilizadores (Ali, 2018: 62), mesmo quando têm a perfeita noção de que as suas publicações podem ser lidas e vistas por outros e, tendo isto em conta, é necessário também que o que é mostrado seja o melhor de cada um.

É sabido que, para além da atividade poder ser consultada pelos utilizadores da rede, a própria empresa Facebook tem acesso a todas as contas e utiliza as informações dos utilizadores de forma a sugerir novos conteúdos e publicidade possível de interessar a um certo utilizador, tendo em conta as suas pesquisas (Fast, 2015: 7).

## 2.2 O Facebook como panótico

Autores como Fast (2015: 1) e Ali (2018: 62) fazem uma comparação entre a rede social Facebook e o modelo panótico descrito por Michel Foucault. Considerando as semelhanças estruturais que podem ser identificadas entre ambos, torna-se possível afirmar que esta rede social constitui um panótico moderno (Ali, 2018: 62-64). Encontramo-nos perante um modelo que permite a vigilância panótica, já que existe a partilha de dados dos indivíduos, que podem ser pesquisados e vistos por parte de outros, assim como transacionados entre empresas.

Alguns dos utilizadores desta rede agem como prisioneiros numa prisão de Bentham, enquanto outros tornam-se guardas e vigiam esses mesmos utilizadores que põem à disposição informações sobre a sua vida pessoal (idem, ibidem). Nesta rede social, o utilizador não se encontra apenas a ocupar as celas individuais do Panótico, mas também ocupa a torre de vigia. Como tal, o utilizador tanto pode ser considerado o prisioneiro, já que pode ser observado por outros na rede; como pode ser considerado o guarda, já que também tem a possibilidade de vigiar os outros (Fast, 2015: 8).

Quando um utilizador integra esta rede social é criada uma identidade online, passando assim a ter acesso ao seu perfil pessoal que contém uma linha cronológica que é atualizada e que regista toda a sua atividade, podendo ser vista por outros utilizadores, mesmo quando não se tem consciência disso (Fast, 2015: 6-7). Momentos que até então seriam privados, ao serem publicados no Facebook, transforma-se num show público, acessível a quem quiser ter acesso, e isto tudo apenas através de um simples clique (Ali, 2018: 63).

## 2.3 Redes utilizadas como forma de vigilância e recolha de dados - Big Data

É denominado como Big Data um grande volume de informação que é produzido através de fontes e que, conseqüentemente, gera inúmeros dados (Silva *et al.* 2013 cit in França, Faria, Rangel, Farias e Oliveira, 2014: 23). Este tipo recolha de informação tornou-se um tema central quando se fala de dados em grande escala, processamento e tratamento de informação e, segundo Mayer-Schönberger and Cukier (2013, cit in Brayne, 2017: 979-980), a definição do trabalho realizado pelo Big Data nestas análises pode ser caracterizado como sendo vasto, rápido, díspar e digital (Vicente, 2018: 3).

Em 2007, uma das redes sociais mais conhecidas, o Facebook, deu a conhecer a existência da vigilância digital que é realizada através da internet. Até à data, tratava-se de uma vigilância praticamente invisível, mas que o deixou de ser através de um novo sistema de publicidade relacionado com anúncios. Este sistema permitia aos utilizadores ter os seus dados e atividade divulgadas aos seus “amigos” da rede, quando estes compravam algum item em sites associados, tal como o Ebay. Este tipo de partilha de sites associados, funcionaria como um “boca a boca”, já que as atividades do individuo que utilizou esse site seriam partilhadas com outros (Bruno, 2008: 10).

É possível afirmar que este se tornou um dos mais relevantes acontecimentos tecnológicos na última década, já que este volume de informação tem recebido uma atenção especial por parte de empresas e Estados, com o intuito de extrair ou compreender certas informações e, conseqüentemente, podendo estas servir para efeitos de marketing, comércio eletrónico ou, até mesmo, avaliar e prever o comportamento de individuos e grupos que se encontrem a ser analisados (Alsghaier, Akour, Shehabat, Aldiaba, 2017: 111; Silva et al. 2013 cit in França *et al.*, 2014: 23).

A capacidade de monitorização e de recolha de dados tem crescido exponencialmente nos últimos anos, assistindo-se ao seu crescimento em diversas áreas, tais como no trabalho, habitação, comunicações, saúde, entretenimento, segurança, vida social e vida privada (Bruno, 2008: 11). Tendo em conta esta amplitude, assim como o modo discreto e impercetível como é feita a recolha de dados, pode afirmar-se que estamos perante uma nova forma de vigilância baseada em dados, independentemente de considerações sobre o seu carácter positivo ou negativo (Brayne, 2017: 977). Este poder do armazenamento de dados transforma-se numa oportunidade de negócio para inúmeras empresas, através da recolha, análise e transação de informação (Alsghaier *et al.*, 2017: 111-112). O Big Data tornou-se uma oportunidade de ouro no mercado, levando as indústrias a analisar e a usar estas informações com o intuito de tomar as melhores decisões possíveis, trazendo estas decisões um maior

lucro (idem: 112). Muitas empresas interessadas neste sistema utilizam as publicações dos indivíduos nas redes sociais, tal como o Facebook, de forma a conseguirem, por exemplo, saber qual a influência que uma certa campanha promocional irá ter ou de forma a averiguar qual a opinião do consumidor em relação aos produtos dessa empresa (idem: 112). Esta e outras plataformas digitais detêm um vasto aglomerado de informação acerca das vidas de milhões de pessoas, de toda a parte do mundo e, para Christl (2017:11), estas redes são consideradas as mais visíveis, mais inteligentes e avançadas quando o assunto são os dados pessoais.

É sabido que o crescimento e desenvolvimento desta vigilância não é apenas referente a publicações criadas nas redes sociais, mas advém também das tecnologias de informação digital em geral, como pesquisas online, fotografias, notícias, vídeos, registos de compras, recolha de dados através dos cartões de crédito, operadoras de comunicações, transferências bancárias, localização através do GPS, emails, entre muitas outras formas (Bruno, 2008: 11; Vicente, 2018: 8). Este tipo de acesso tecnológico torna então a vigilância, o armazenamento e a recuperação de informação muito mais facilitada (Vicente, 2018: 8).

O Facebook e outras aplicações usam massivamente a vigilância sobre os seus usuários, tratando-se de um tipo de vigilância personalizada e individual, já que esta compara os interesses e os comportamentos de todos os utilizadores desta rede, com o intuito de definir e classificar quem são os potenciais consumidores de um certo produto (Fuchs, Boersma, Albrechtslund e Sandoval, 2011 cit in Espanha e Estevão, 2017: 120).

Enquanto é perceptível, agora, para o utilizador que o Facebook recolhe as suas informações através do seu consentimento, nem todas as plataformas digitais atuam da mesma forma, já que muitas destas operam nos bastidores, sem chamar a atenção e principalmente sem que o utilizador se aperceba (Christl, 2017: 7). Ao contrário do que a população acredita, estas redes não são vendedores diretos das informações recolhidas e dos perfis dos utilizadores a terceiros (Bruno, 2008: 11). No entanto, estas plataformas gigantescas autorizam que empresas interessadas possam utilizar os seus dados através da infraestrutura da rede em questão, possibilitando a recolha de ainda mais dados dos seus utilizadores. Todos estes dados e informações recolhidas, servem para beneficiar as empresas envolvidas, assim como estas mesmas plataformas, já que estes dados são valiosos e lhes permitem controlar os consumidores e empresas terceirizadas (idem, ibidem: 11).

### 3. Enquadramento Metodológico

A principal problemática desta investigação assenta na análise da vigilância na sociedade contemporânea tendo em conta o conceito de panótico digital. Devido aos ainda poucos estudos relacionados com o uso e os cuidados que os utilizadores têm em relação às redes sociais quando o assunto é a vigilância, esta investigação surgiu com os seguintes objetivos: identificar as atitudes e práticas sociais no contexto da comunicação digital, de forma a tentar compreender o comportamento dos utilizadores perante as novas tecnologias; perceber até que ponto a segurança e privacidade se encontram comprometidas na comunicação digital, tentando perceber se os utilizadores têm comportamentos considerados arriscados nas redes sociais; e por fim, a analisar os impactos da tecnologia na interação digital. Por isso mesmo, a escolha do tema recaiu sobre esta problemática, já que cada vez mais nos encontramos rodeados por estas novas tecnologias de comunicação e este é um tema bastante pertinente e que tem vindo a ser cada vez mais discutido na atualidade.

Numa primeira fase desta investigação, foi realizado o enquadramento teórico do tema e foram abordados importantes conceitos relacionados com a questão da privacidade nas redes sociais com recurso a pesquisa bibliográfica e documental.

A abordagem metodológica utilizada nesta investigação foi de carácter misto. A abordagem qualitativa é adequada para compreender as perceções dos utilizadores das redes sociais acerca da privacidade, dos riscos associados à exposição no panótico digital e como procedem, ou não, para prevenir esses riscos. Esta metodologia pode ser vista como “humanística”, uma vez que os investigadores procuram estudar e conhecer os indivíduos mais pormenorizadamente, privilegiando as suas experiências e tentando captar a maneira como as interpretam e lhes dão sentido (Carmo e Ferreira, 2008: 198; Maia, Baptista e Martins, 2013: 159). Foi utilizada também uma metodologia de carácter quantitativo, recorrendo-se ao inquérito por questionário online que podia ser respondido por qualquer pessoa, com o único requisito de serem utilizadores de redes sociais. O inquérito por questionário visava recolher principalmente informações sobre os utilizadores destas redes, que iam desde os seus cuidados às suas preferências nestes meios. As perguntas foram contruídas de forma a obter maioritariamente respostas fechadas, mas em muitas destas era possível selecionar mais do que uma opção; uma das alíneas no questionário foi de resposta aberta e a última alínea envolveu a escala de Likert, de forma a medir atitudes e comportamentos dos utilizadores. Este inquérito contou com uma amostra de 204 pessoas, uma amostra suficientemente significativa para dar credibilidade a esta investigação.

O método utilizado foi o estudo de casos, que consiste numa análise intensiva em amplitude e em profundidade, de um ou mais casos previamente selecionados de acordo com o objeto de estudo, aplicando as técnicas disponíveis (Greenwood, 1965: 332). A finalidade deste método é conseguir obter uma melhor compreensão do fenómeno na sua totalidade (idem, ibidem: 332).

No estudo qualitativo, de natureza exploratória, recorreu-se à realização de um grupo de foco, com o intuito de propiciar entre os participantes uma discussão de ideias, na qual cada um teve a possibilidade de verbalizar a sua opinião, fornecendo também informações adicionais sobre as suas atitudes e práticas sobre as questões em estudo. A discussão do grupo teve uma duração de cerca de 25 minutos. Esta foi realizada num local agradável, calmo, descontraído e numa mesa onde todos os intervenientes conseguiam ter contacto visual, de forma a facilitar a troca de experiências.

Procurou-se que a amostra deste grupo refletisse a maior diversidade possível, pelo que foi composta por elementos de ambos os sexos, diferentes faixas etárias e escolaridade. Os seus constituintes são pertencentes a grupos pré-existentes referentes a amigos e colegas, tendo sido mais prático e facilitando o recrutamento dos intervenientes. O grupo foi composto por seis elementos quatro do sexo feminino e dois do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 19 e os 27 e com escolaridade entre o 9º ano e frequência de mestrado.

As questões realizadas ao grupo de foco tiveram um certo grau de diretividade, em que existiam questões previamente definidas mas podiam ser alteradas mediante o decorrer da conversa, em função da verbalização dos participantes. Este tipo de conversa garante alguma liberdade ao entrevistador mas é sempre necessário assegurar que as questões previamente formuladas são abordadas.

Através da análise das experiências auto relatadas, partilhadas e debatidas pelos participantes num grupo de foco, pretendeu-se analisar e compreender as perspetivas sobre a sociedade da vigilância e as práticas em contexto de comunicação digital. Os objetivos foram são os seguintes:

- a) Abordar a questão da vigilância e do panoptismo como estruturas de poder;
- b) Descrever o impacto das novas tecnologias na sociedade contemporânea;
- c) Analisar o dispositivo de poder denominado panótico digital;
- d) Analisar as redes sociais digitais enquanto panótico digital e descrever os seus mecanismos de vigilância na sociedade contemporânea;
- e) Abordar a questão do direito à privacidade tendo em conta também a Declaração Universal dos direitos Humanos;

- f) Descrever e analisar as atitudes e práticas sociais dos indivíduos em contexto de comunicação e interação digital em relação às questões da vigilância, controlo, privacidade e segurança.

Inicialmente, na reunião do grupo de foco, procedeu-se a uma apresentação dos objetivos da discussão, reforçando que o material recolhido através de gravação seria utilizado posteriormente para análise no âmbito de um trabalho de natureza científica. Ao longo da discussão, procurei manter uma atitude adequada, nunca expressando a minha opinião em relação aos pontos a ser abordados, de forma a não influenciar a discussão dos grupos.

Após uma transcrição cuidada da discussão, procedeu-se à análise de conteúdo do material recolhido. Esta análise consiste na identificação, análise e descrição dos principais temas encontrados na discussão, permitindo a sua organização sistemática em categorias e a apresentação de conclusões de uma forma sintética. Para além da identificação dos temas mais relevantes e pertinentes, também permite perceber se existem outros assuntos relevantes além dos que estavam previamente definidos para serem analisados.

Na última etapa, procedeu-se a uma interpretação dos resultados até ser possível chegar a uma conclusão.

No que toca a barreiras encontradas no decorrer deste trabalho, existiram algumas dificuldades, designadamente na marcação da reunião do grupo de foco, em que a etapa de conciliação de datas compatíveis com todos os participantes foi demorada. No entanto, apesar de certos contratemplos, os resultados obtidos permitiram melhorar o meu conhecimento acerca deste tema, já que muitas das vezes a parte de estarmos a ser constantemente vigiados nos passa despercebido. Para além disso, todo o processo de trabalho foi enriquecedor, pois a análise e leitura de diversas bibliografias que continham informação fundamental para a evolução do trabalho transformou o desenvolvimento do mesmo, uma vez que fiquei a compreender melhor este assunto.

#### 4. Apresentação de resultados: grupo de foco

Neste capítulo são apresentados os temas abordados no grupo de foco, baseado em questões realizadas a seis participantes, em que quatro são do sexo feminino e dois do masculino. Estes têm idades compreendidas entre os 19 e os 27 e com graus de escolaridade desde o 9º ano a frequência em mestrado. A partir da análise de conteúdo das enunciações produzidas, foi possível identificar as temáticas que a seguir se discutem, nomeadamente, as opiniões dos participantes e a sua relação com as redes sociais.

Um dos requisitos para participar nesta entrevista era que todos os elementos utilizassem redes sociais. Todos os participantes demonstram pertencer e apreciar estar em redes sociais e alguns até estão associados a mais do que uma, mas a sua forma de utilização difere um pouco. É unânime a ideia de utilização das redes de forma a aproximar e a facilitar o contacto com amigos e familiares, inclusive a Luísa aponta que “as redes sociais vieram tornar mais fácil a comunicação”.

##### Privacidade

Todos os participantes afirmam ter alguns cuidados quando o assunto é a privacidade nas redes. Para alguns, esses cuidados incluem não partilhar a sua morada ou o seu contacto telefónico, já outros dos elementos não se importam em partilhar a localidade e até a escola que frequentam. Apesar destas informações pessoais que são colocadas nas redes, todos demonstram preocupação quando o assunto são as fotos pessoais e as pessoas que têm acesso a elas e às suas publicações. Existe o cuidado destas serem partilhadas apenas para os amigos próximos e mesmo assim sendo, existe também o receio destas poderem ser copiadas e partilhadas com pessoas que não se encontram adicionadas nas suas redes.

Os participantes partilham da mesma ideia que o autor Garfinkel (2000: 4, cit in Romele, Gallino, Emmenegger e Gorgone, 2015: 11), em que a privacidade se encontra relacionada com o domínio de nós mesmos, autonomia e integridade. É notório que os participantes têm esta opinião bem definida em relação a este assunto, pois não consideram existir privacidade mesmo só aceitando amigos e/ou pessoas conhecidas.

*“Mesmo querendo, acho que não há privacidade e às vezes as pessoas conhecidas ainda são as piores!” – Ana*



*“Não há, seja para quem for, estamos sempre expostos.” - Rita*

Enquanto três dos entrevistados nunca sentiram a sua privacidade ameaçada, os restantes têm uma experiência oposta, em que esta invasão foi em algum momento sentida através de conversas, criação de contas falsas ou partilhas indevidas, invadindo assim a sua privacidade. A entrevistada Margarida afirma mesmo: *“ para mim foi a maior invasão de privacidade e um dos motivos de eu nem sequer usar muito as redes. Isso afetou-me muito, mesmo.”*

No entanto e apesar de sentirem as consequências desta exposição, alguns demonstram não ter problema em afirmar que em algum momento das suas vidas já vigiaram alguém através nas redes, com o intuito de perceber o que a pessoa em questão estaria a fazer ou com quem estaria.

*“Sim, eu já espiei. Não vou dizer que não, porque eu já espiei.” – Rui*

*“Sim, um ex namorado já... Ir lá ver para onde vai, o que está a fazer, ver quem gostou daquilo, que insta storie é que ele pôs. Nesse sentido só. Não é bem espionar, é um bocadinho controlo.”*

– Rita

*“Oh já, em alguma altura da vida toda a gente faz isso!” – Luísa*

Para o autor Fróis (2008:256) podemos estar a ser constantemente vigiados em diversos locais, quer sejam públicos ou privados, incluindo em casa. Uma das entrevistas demonstra ter noção desta situação ao afirmar *“ tudo o que tu fazes (...) eles estão a ver (...) estás livremente dentro de casa e riem-se da situação e colocam na net.”*

### **Informações Pessoais e o Mundo Virtual**

Segundo Fróis (2008: 255), nem todos os cidadãos têm noção do que pode acontecer às suas informações pessoais e muitas das vezes isto nem é uma preocupação. No entanto, se algo acontecer, passam a desconfiar sobre o que se terá passado com a sua informação (idem, ibidem). Nem todos os elementos desta entrevista estão cientes de que os seus dados pessoais podem ser utilizados por outros, afirmando que *“Ninguém pensa nisso, nessa realidade”* ou *“As pessoas ainda não pensam nisso”*. Por outro lado, um dos entrevistados fala do *marketing* telefónico, sem perceber onde certas empresas

conseguem os seus dados. Existem empresas que procuram este tipo de informação com a finalidade de as utilizar para um fim comercial (Soares, 2011: 14).

*“Agora existe esta cena dos ginásios, por exemplo aconselhamentos que as pessoas usam muito este tipo de coisas... Ainda no outro dia me ligaram e nem sei como tiveram o meu número.” - Paulo*

Outra situação que é necessário ter em atenção, segundo uma das participantes, é em relação aos empregadores quando se está á procura de emprego. Segundo a mesma, *“muitos empregadores andam a ver as redes sociais e nesse sentido, pode influenciar muita coisa”*. Castells (2007: 206, cit in Soares, 2011: 13) aborda também este assunto, já que existem estudos que comprovam a utilização frequente desta forma de vigilância por parte das empresas sobre os funcionários.

### **Tecnologias digitais e exposição**

Todos os entrevistados consideram existir demasiada exposição no mundo virtual, em que alguns dos fatores negativos do uso das redes são a criação de contas falsas através de fotos e de algumas informações pessoais, mas também a exposição de menores através das redes dos próprios pais. Tal como os participantes se apercebem deste facto, Bauman (2014, *cit. in* Cancelier, 2017: ibidem) refere também que o medo da exposição passou a ser secundário e que as pessoas não se preocupam com a privacidade.

*“ No geral, demasiada exposição.” – Rita*

*“Para mim um dos fatores negativos é a facilidade que existe em criar um Instagram ou Facebook ou algo do género falso...” - Paulo*

Todos os intervenientes têm consciência de que a informação nunca desaparece, tal como mencionam Cancelier e Ali (2017: 227; 2018: 63), encontrando-se nas “mãos da internet”, não tem como ser apagado definitivamente. Mesmo toda a informação sendo apagada e até a própria conta, é algo que fica para sempre, inclusive a entrevistada Rita afirma *“Nunca desaparece. Há supostamente*

*aquela nuvem.” e a entrevistada Luísa ressalta que “Há a opção de eliminar a conta e mesmo eliminado, nunca desaparece”.*

Por fim, todos os entrevistados concordam que a responsabilidade pelos conteúdos partilhados nas redes sociais deve ser principalmente dos utilizadores e demonstram estar cada vez mais alerta em relação a este assunto.

*“Para mim, dos utilizadores.” - Ana*

*“É dos utilizadores!” - Luísa*

## 5. Apresentação de resultados: inquérito por questionário

Neste capítulo são apresentados e discutidos os resultados do questionário realizado com o objetivo de captar as atitudes e práticas sociais no contexto da comunicação digital. O questionário foi respondido por 204 participantes que se disponibilizaram a aceder à plataforma Google Forms. Mais de metade dos inquiridos, 75%, são do sexo feminino e os restantes 25%, do sexo masculino (Gráfico 1).

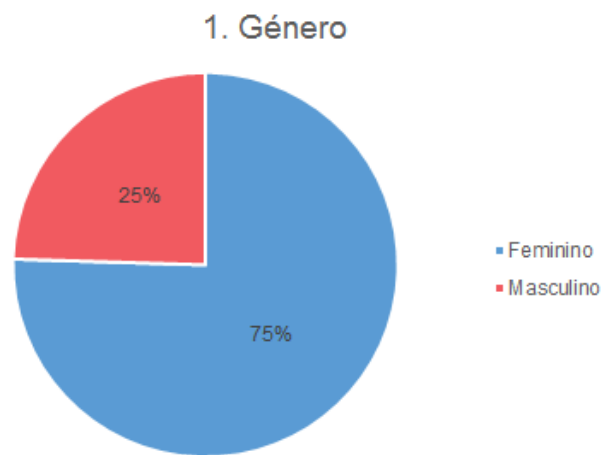


Gráfico 1 - Género dos participantes

Os inquiridos são indivíduos com idades compreendidas entre os 17 e os 51 anos, sendo a maior percentagem referente à faixa etária entre os 21 e os 30 anos (53%), seguida de 33% de indivíduos até aos 20 anos de idade (Gráfico 2).

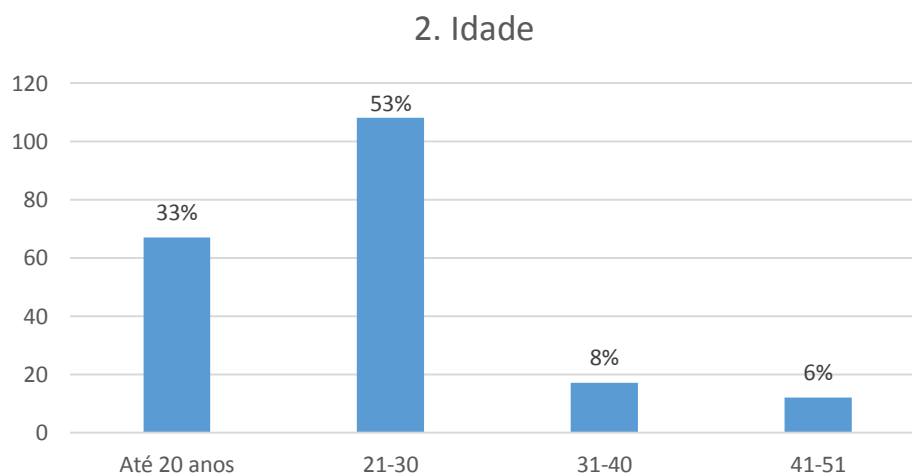


Gráfico 2 - Idade dos participantes

No que diz respeito ao grau de escolaridade, 38% dos participantes são indivíduos licenciados, 36% possuem o ensino secundário, 23% mestrado e apenas uma minoria de 1% e 2%, respetivamente, possui grau de habilitações ao nível do doutoramento e 3º ciclo do ensino básico (Gráfico 3).

### 3. Grau de escolaridade

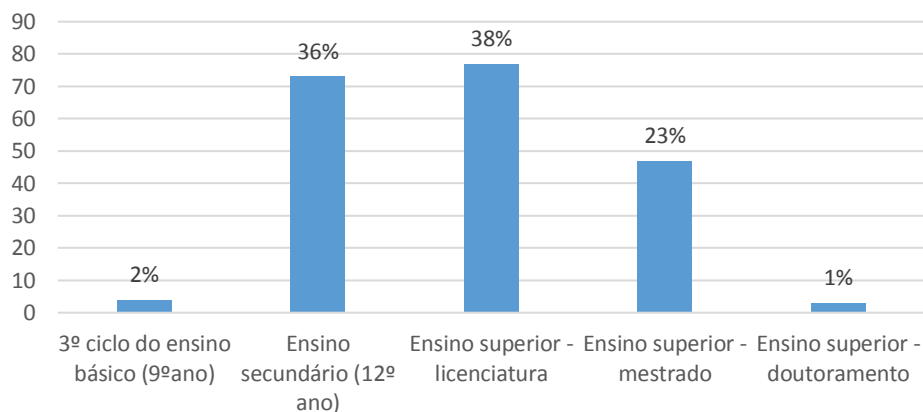


Gráfico 3 - Grau de escolaridade dos participantes

À pergunta “Que redes sociais utiliza?”, as respostas revelam que a rede social Youtube é utilizada em massa, com 86,8% das votações, assim como o Facebook, WhatsApp e Instagram, estas três entre os 82,8% e 88,2% (Gráfico 4).

### 4. Que redes sociais utiliza?

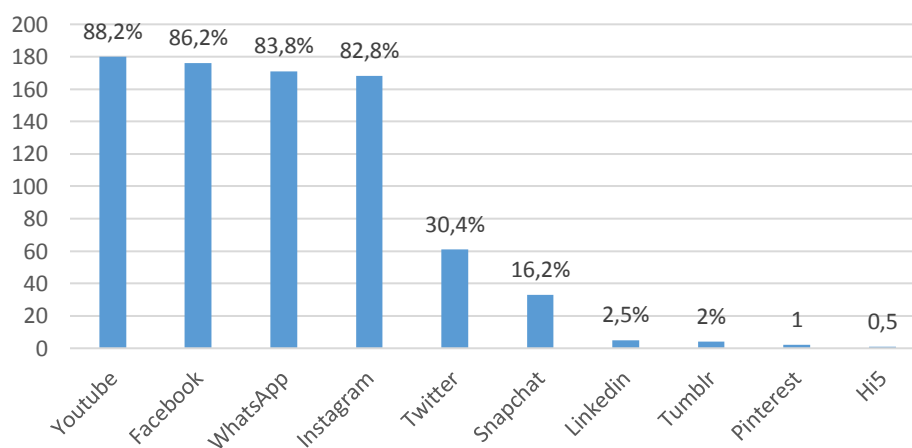


Gráfico 4. Redes sociais utilizadas pelos participantes

Quanto ao uso das redes sociais, a grande maioria (97,1%) utiliza para conversar e manter contacto com amigos/familiares/colegas, no entanto também mais de metade dos inquiridos (60,3% e 58,3%, respetivamente) utiliza com o intuito de partilhar fotografias e/ou vídeos pessoais e para saber novidades dos outros. Apenas 19,6% utiliza para partilhar fotografias e/ou vídeos de outros, 13,2% para conhecer pessoas novas e 9,3% para partilhar desabafos da vida (Gráfico 5).

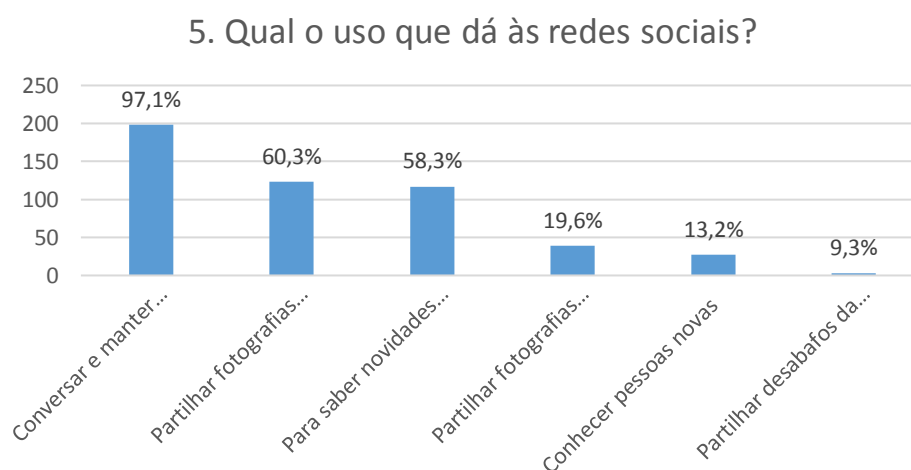


Gráfico 5 - O uso que os participantes dão às redes sociais

A informação que mais de dois terços dos inquiridos (69,6%) afirmam colocar nestas redes está relacionada com fotos e/ou vídeos pessoais. 49% publica sobre os seus interesses, 41,7% publica comentários, 28,9% expressa os seus pensamentos e 18,6% não coloca nada. Apesar dos riscos que são conhecidos e estão associados às redes sociais, 12,7% assinalou que publica informações pessoais tais como onde mora, onde estuda, o seu e-mail ou telemóvel.

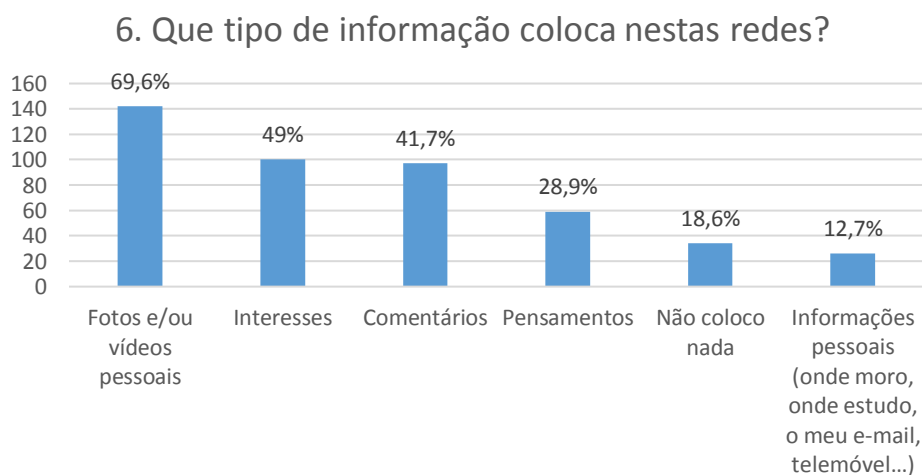


Gráfico 6 - As informações colocadas nas redes

O questionário mostra que 95,6% apenas segue nas redes sociais pessoas que conhece pessoalmente. Os 61,3% são referentes aos participantes que seguem amigos de amigos ou familiares e os 33,8% dizem seguir desconhecidos (Gráfico 7).

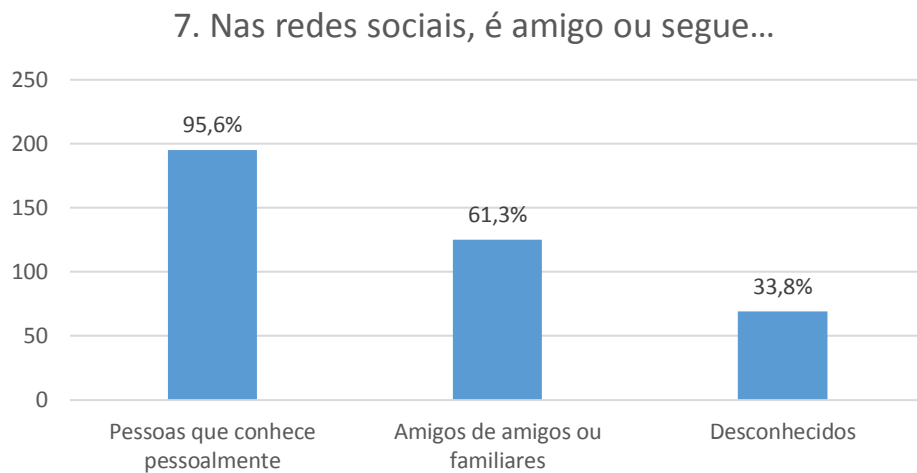


Gráfico 7 - Quem os participantes seguem nas redes.

Quando surge a questão “Costuma aceitar todos os pedidos de amizade que recebe?”, 71% respondeu que não aceita, 26% respondeu que aceita apenas se conhecer pessoalmente a pessoa em questão e uma pequena minoria de 3% diz aceitar todos os pedidos de amizade que recebe (Gráfico 8).

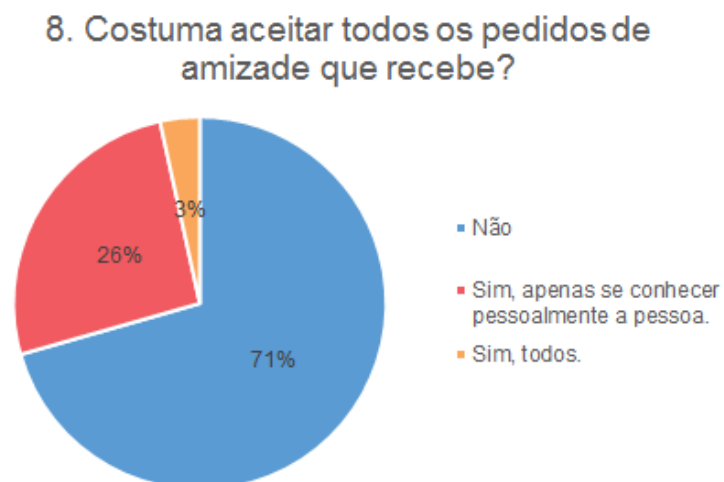


Gráfico 8 - Aceitar pedidos de amizade recebidos

Os dados obtidos através do inquérito permitiram perceber que os inquiridos estão alerta quando o assunto é a privacidade, pois a grande maioria (90%) já consultou as definições de privacidade das redes sociais que se encontra a utilizar. Ao contrário de 10% dos participantes, que nunca o fizeram (Gráfico 9).

### 9. Alguma vez consultou as definições de privacidade da(s) rede(s) social(ais) que utiliza?

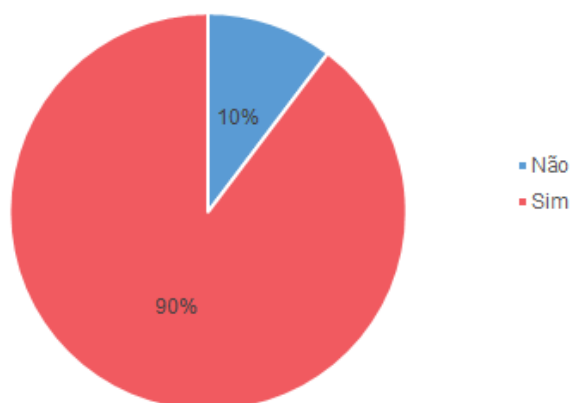


Gráfico 9 - Consulta das definições de privacidade

Assim como a análise à questão anterior foi positiva, na questão relacionada com a alteração das definições de privacidade por parte dos utilizadores, 91% assinalou já o ter feito, ao contrário de 9% que nunca o fez, não se importando se as suas informações pessoais se encontravam privadas ou não (Gráfico 10).

### 10. Alguma vez alterou as definições de privacidade da(s) rede(s) social(ais) que utiliza?

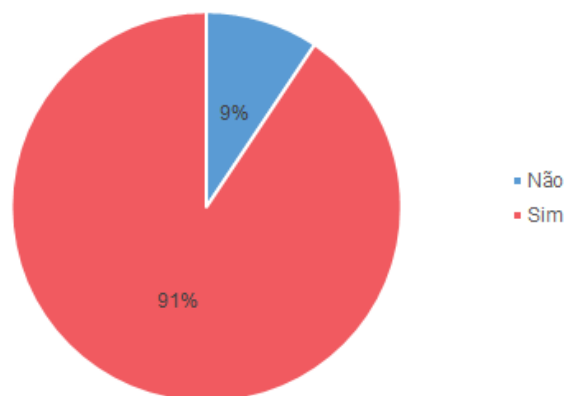


Gráfico 10 - Alterações nas definições de privacidade



Através da possibilidade de alterar a privacidade nas redes, 85% dos participantes afirma que as suas publicações apenas podem ser visualizadas por amigos/seguidores e 15% permite que qualquer utilizador da rede tenha acesso às suas publicações (Gráfico 11).

### 11. As suas publicações nas redes sociais podem ser vistas por...

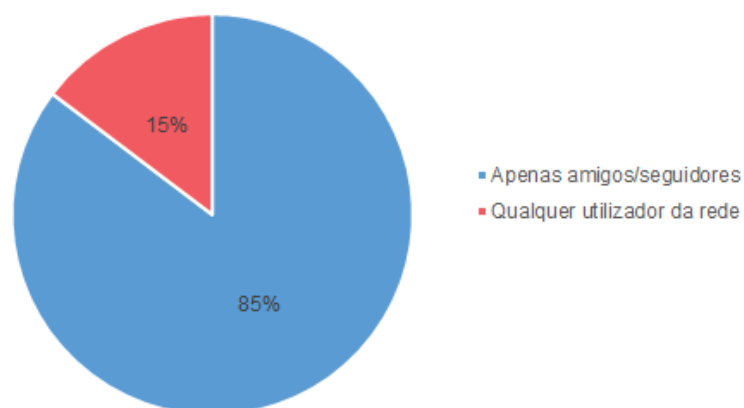


Gráfico 11 - Quem permitem que veja as suas publicações

À pergunta de resposta aberta, que questionava os participantes sobre o tipo de informação que não deve ser publicada nas redes, a maior parte das respostas corresponde a informações pessoais e familiares, com 171 respostas por parte dos inquiridos. Para 18 dos participantes não deve ser publicado conteúdo relacionado com familiares menores, 16 responderam que a sua localização atual não deve ser revelada, 12 respostas acerca de conteúdo íntimo e, por fim, 4 respostas, respetivamente, para conteúdo violento e para a opção de que cada utilizador deve publicar aquilo que considerar.

<p><b>Informações pessoais e familiares</b>  (morada, local onde estuda, local de trabalho, nº telefone, passwords e informações bancárias)</p>	171
<p><b>Conteúdo relacionado com familiares menores</b></p>	18

Localização	16
Conteúdo íntimo	12
Conteúdo violento	4
As informações que cada utilizador considerar	4

Tabela 1 – Que tipo de informação que não deve ser publicada nas redes

Os participantes envolvidos reconhecem alguns dos principais aspetos negativos das redes sociais, sendo os riscos ligados à segurança um dos que se encontra em primeiro lugar, com 79,4% das respostas. Para 74,5%, a perda de privacidade também é uma preocupação para os inquiridos, assim como o tempo dedicado à navegação nas redes sociais, com 71,1%; criação de barreiras que interferem na socialização física, com 50% e o comprometimento da forma de pensar independente, com 27,9%. Uma minoria dos inquiridos deu ainda a sua opinião em resposta aberta, acrescentando aos aspetos negativos das redes os padrões estéticos inatingíveis, as fake news e o abuso de informação sem consentimento (Gráfico 13).

### 13. Na sua opinião, quais são os principais aspetos negativos das redes sociais?

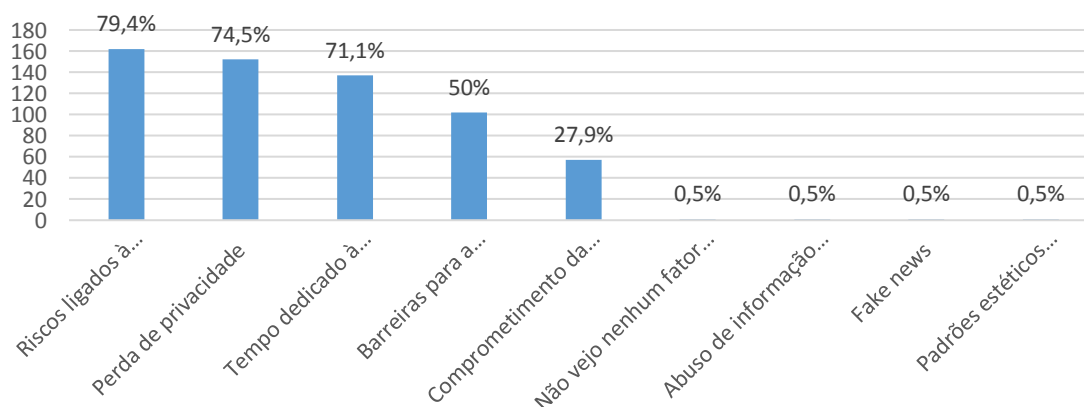


Gráfico 13 - Fatores negativos do uso das redes sociais

Quanto aos aspetos positivos das redes sociais, 84,4% sente que existe uma maior facilidade na comunicação. As restantes respostas são divididas entre os seguintes aspetos: a facilidade de fazer novos amigos, com 18,3%; 31,2% encontra-se relacionado com a possibilidade de poder partilhar fotos; 28,7% aponta para a liberdade de expressão e 3,5% acredita que um dos aspetos positivos das redes são a fama e o reconhecimento. Mais uma vez, uma minoria dos inquiridos, deu a sua opinião em resposta aberta, acrescentando a conectividade com o mundo, a possibilidade de se manter atualizado, a troca de ideias, as oportunidades de negócio e o *networking*, como aspetos positivos (Gráfico 14).

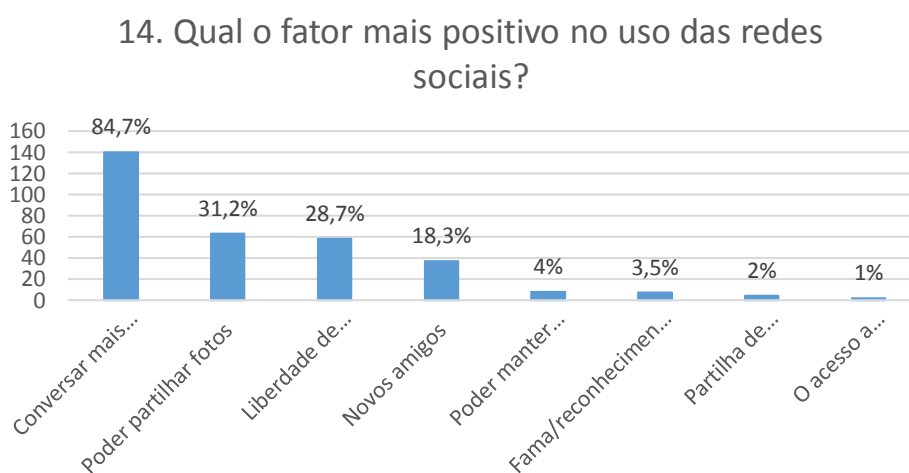


Gráfico 14. Fatores positivos do uso das redes sociais

Os dados obtidos através do inquérito permitiram perceber que a grande parte dos indivíduos tem a noção do que acontece à sua informação no mundo digital, já que à pergunta “Quando elimina informações da sua rede social, o que pensa que acontece?”, 88% respondeu que, mesmo quando eliminada, a informação continua nas redes. Já 6% dos inquiridos responde não saber o que acontece a essa informação e 6%, também, que uma vez eliminada a informação, mais ninguém pode vê-la.

### 15. Quando elimina informações da sua rede social, o que pensa que acontece?

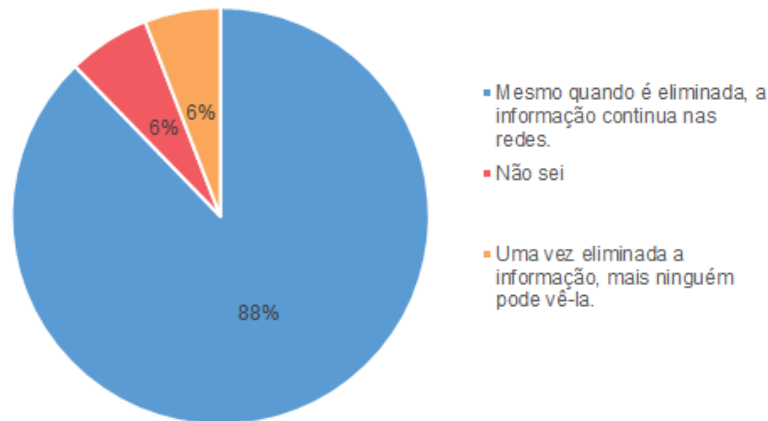


Gráfico 15 - O que acham os participantes que acontece com a sua informação quando é eliminada

Por fim, na última questão era pedido aos participantes para assinalarem o grau de concordância com cinco afirmações.

Na primeira afirmação, “de um modo geral, as pessoas estão preocupadas com a sua privacidade quando usam as redes sociais”, a resposta “Discordo” foi assinalada por 46% inquiridos; a resposta “Concordo” por 36%; “Discordo Totalmente ” por 12%; “Sem opinião” por 5,5% e “Concordo Totalmente” por 0,5%.

#### 16.1. Afirmação: De um modo geral, as pessoas estão preocupadas com a sua privacidade quando usam as redes sociais.

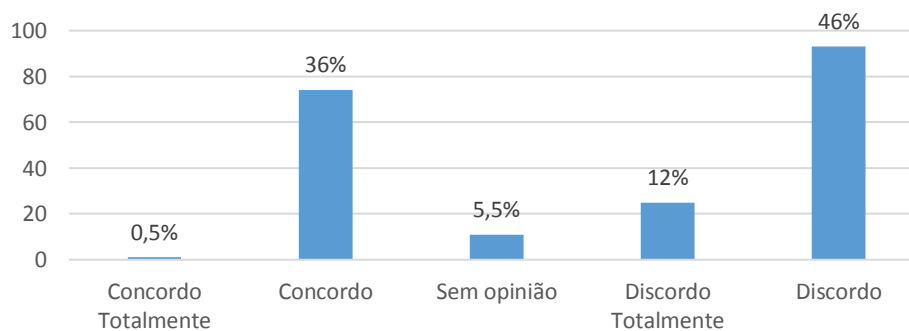


Gráfico 16.1

Na segunda afirmação, “de um modo geral, as pessoas estão preocupadas com a sua segurança quando usam as redes sociais.”, a resposta “Concordo” e “Discordo” esteve equiparada, com 41% das votações. A resposta “Discordo Totalmente ” foi assinalada por 10% dos inquiridos; a resposta “Sem opinião” por 5% e “Concordo Totalmente” por 3%.

### 16.2. Afirmação: De um modo geral, as pessoas estão preocupadas com a sua segurança quando usam as redes sociais.

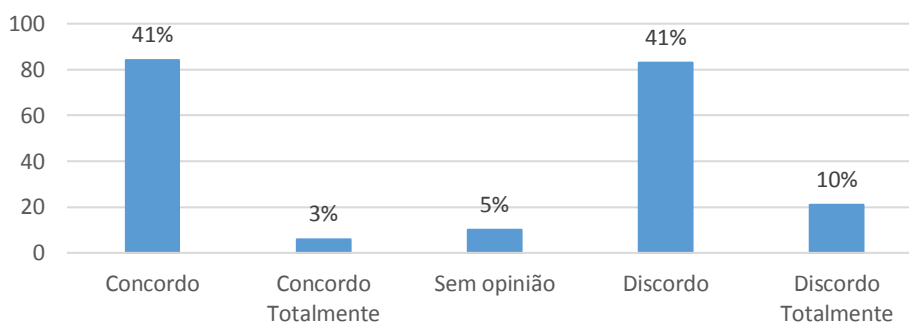


Gráfico 16.2

Na terceira afirmação, “de um modo geral, as pessoas têm noção do que pode acontecer às suas informações pessoais”, a resposta mais assinalada foi “Discordo” com 46%; em seguida a resposta “Discordo Totalmente ” que foi assinalada por 28%; “Concordo” por 21%; “Sem opinião” por 4% e “Concordo Totalmente” por 1%.

### 16.3. Afirmação: De um modo geral, as pessoas têm noção do que pode acontecer às suas informações pessoais.

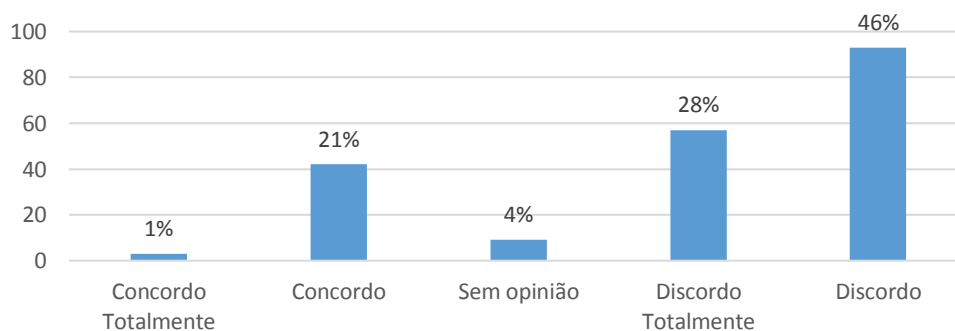


Gráfico 16.3

Na quarta afirmação, “de um modo geral, as pessoas quando entram num site, leem os alertas e aceitam os cookies”, a resposta “Discordo Totalmente” foi a que teve um maior número de resposta, estando 41% inquiridos de acordo com a afirmação. 31% dos inquiridos assinalaram “Discordo”, 13% a resposta “Concordo”; 10% “Concordo Totalmente” e 5% “Sem opinião”.

#### 16.4. Afirmação: De um modo geral, as pessoas quando entram num site, leem os alertas e aceitam os cookies.

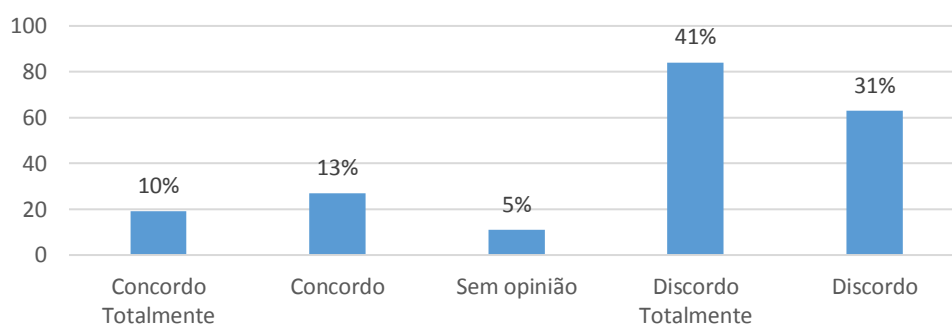


Gráfico 16.4

Na quinta e última afirmação, “de um modo geral, as pessoas têm cuidado quando publicam fotos dos locais onde se encontram, ou fotos de menores”, a resposta mais assinalada foi “Discordo” com 45% dos votos; em seguida a resposta “Discordo Totalmente ” que foi assinalada por 35%; “Concordo” por 12%; “Sem opinião” por 7% e “Concordo Totalmente” por 1%.

#### 16.5. Afirmação: De um modo geral, as pessoas têm cuidado quando publicam fotos dos locais onde se encontra, ou fotos de menores.

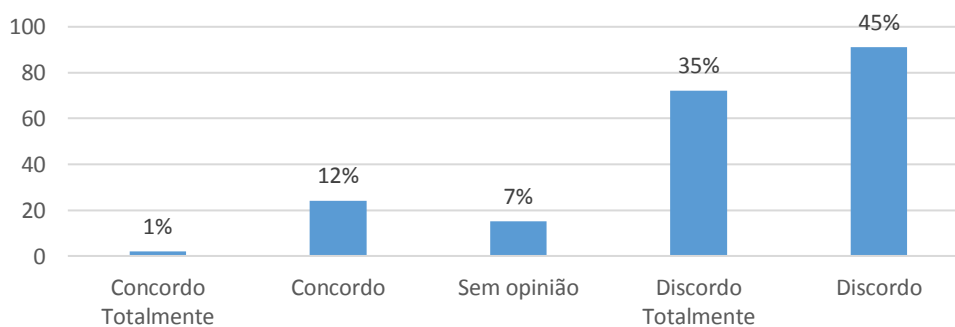


Gráfico 16.5

## 5.1 Discussão de resultados: inquérito por questionário e grupo de foco

Para além do grupo de foco realizado nesta investigação, foi realizado também um inquérito por questionário online. Este inquérito teve uma amostra de 204 pessoas, sendo 75% são do sexo masculino e 25% do sexo feminino. Ao contrário do grupo de foco em que as idades dos entrevistados eram compreendidas entre os 19 e os 27 anos, no inquérito foi possível abranger uma maior faixa etária, estando esta compreendida entre os 17 e os 52 anos. No que diz respeito ao grau de escolaridade, no inquérito também foi possível abranger uma maior diversidade de habilitações académicas que se encontram compreendidas entre “escolaridade inferior ao 3º ciclo do ensino básico” a “grau de doutoramento”, em relação ao grupo de foco, em que estas eram desde o “9º ano de escolaridade” a “frequência em mestrado”.

Após a análise dos gráficos expostos no ponto anterior, é possível apurar que as redes sociais YouTube, Facebook, WhatsApp e Instagram são as quatro que se encontram em principal destaque, segundo a grande maioria dos participantes no inquérito. Quanto ao uso destas, a grande maioria utiliza-as de forma a conversar e manter contacto com amigos/familiares/colegas, no entanto também é possível notar que são muitos os utilizadores que utilizam estas redes também com o intuito de partilhar fotografias e/ou vídeos pessoais e para saber novidades dos outros. No grupo de foco, a utilização das redes de forma a aproximar e facilitar o contacto entre amigos e familiares também foi a resposta unânime por parte dos entrevistados.

Quando o assunto é sobre as informações colocada na rede, mais uma vez as respostas de ambas as investigações coincidem. Em ambos os casos, a grande maioria das suas publicações está relacionada com fotos e/ou vídeos pessoais. No entanto, o inquérito evidencia ainda a preferência por publicação de comentários como uma das maiores escolhas dos inquiridos. Apesar dos riscos que são conhecidos e estão associados às redes sociais, é possível verificar que uma percentagem ainda que menor, afirma publicar informações pessoais tais como onde mora, onde estuda, o seu e-mail ou telemóvel. No grupo de foco, os participantes afirmam ter cuidado quando o assunto é a privacidade, mas mesmo assim, alguns dos elementos não se importam de partilhar a sua localidade e escola de frequentam.

95,6% dos inquiridos diz apenas seguir nas redes sociais pessoas que conhece pessoalmente ao mesmo tempo que, 61,3% segue apenas amigos ou familiares. Os entrevistados no grupo de foco também demonstram algum cuidado neste aspeto, em que as suas partilhas apenas sejam para amigos

próximos, mas ao mesmo tempo, continua a existir algum receio de que as publicações poderem ser partilhadas para outras pessoas de quem não são amigos pois afirmam que mesmo só aceitando amigos e/ou pessoas conhecidas não existe privacidade. Posto isto, no inquérito, a grande maioria não aceita todos os pedidos de amizade que recebe e outros dizem apenas aceitar quem conhecem pessoalmente.

É notório que os inquiridos encontram-se alerta quando o assunto é a privacidade, pois a maioria já consultou as definições de privacidade das redes sociais que utiliza e também diz já ter alterado essas definições. Tendo em conta as estatísticas, em alguns dos casos, de maneira a que as suas publicações sejam vistas apenas por amigos/seguidores.

No questionário, foi realizada uma pergunta de resposta aberta para que os participantes pudessem dar a sua opinião sobre o tipo de informação que não deve ser publicada nas redes. As informações pessoais e familiares que incluem a morada e o número de telefone estão no topo da lista com o maior número de respostas. No grupo de foco, isto também se verifica, já que alguns dos cuidados dos entrevistados passa igualmente por não partilhar a sua morada ou contacto telefónico.

Os inquiridos ressaltam alguns aspetos negativos e positivos da utilização das redes sociais. Como aspetos negativos as principais opções selecionadas são os riscos ligados à segurança, em seguida a falta de privacidade, o tempo dedicado à navegação nas redes sociais, as barreiras que estas redes criam e que interferem na socialização física. Já os entrevistados no grupo de foco, para além de considerarem que existe demasiada exposição no mundo virtual, a criação de contas falsas através de fotos e de informações pessoais e a exposição de menores através das redes dos próprios pais, são os pontos negativos apontados. Entre os aspetos positivos, os inquiridos ressaltam principalmente a facilidade de comunicação que existem através destas redes.

Os dados obtidos através do inquérito permitiram perceber que a grande parte dos indivíduos tem noção do que acontece à sua informação no mundo digital e que apesar desta poder ser eliminada, mantém-se nas redes; o mesmo é possível comprovar através do grupo de foco realizado pois, todos os intervenientes têm consciência de que a informação nunca desaparece, não existindo forma de ser apagada definitivamente.

Por fim, quando a questão envolve a privacidade e segurança, a maioria acredita que as pessoas não estão preocupadas com este tema quando utilizam as redes sociais. Mesmo assim, um número ainda significativo discorda desta ideia e o mesmo é visível no grupo de foco, em que alguns dos participantes estão cientes dos problemas com a sua privacidade e segurança, incluindo o uso dos



seus dados pessoais para diversos fins; enquanto outros elementos afirmam que ainda ninguém pensa nessa realidade.

## Conclusão

Esta investigação teve como tema central a vigilância na sociedade contemporâneas tendo em conta o conceito de panótico digital. Para além do objetivo ser perceber as atitudes e práticas sociais por parte dos utilizadores em relação às redes sociais, foi também importante perceber até que ponto a segurança e privacidade se encontram comprometidas na comunicação digital, através dos comportamentos dos mesmos.

Nesta investigação, foi possível verificar e avaliar a perceção que os indivíduos têm sobre vigilância, privacidade e segurança nas redes sociais e outras plataformas de interação digital e a forma como estes se previnem, ou não, de situações de risco. Contudo, trata-se de uma questão que ainda não é muito discutida entre utilizadores e nem todos tomam consciência dos riscos a que podem estar sujeitos perante certa exposição.

Na elaboração deste estudo, decidiu-se recorrer a uma metodologia qualitativa e quantitativa. A metodologia qualitativa tornou-se indispensável para compreender as perceções dos utilizadores das redes sociais acerca da privacidade, dos riscos associados à exposição no panótico digital e como procedem, ou não, para prevenir esses riscos. A metodologia quantitativa, foi utilizada através de um inquérito por questionário online que visou recolher informações sobre os utilizadores destas redes, questionando-os sobre os seus cuidados e preferências nestes meios. O método utilizado foi o estudo de casos, que consiste numa análise intensiva em amplitude e em profundidade, de um ou mais casos selecionados previamente mediante o objeto de estudo. A sua finalidade é conseguir obter uma melhor compreensão do fenómeno na sua totalidade. Recorreu-se também à realização de um grupo de foco, com o intuito de existir entre os participantes uma discussão e troca de ideias.

Relativamente à análise dos dados, é possível concluir que cada vez mais as pessoas têm a noção dos riscos inerentes à utilização das redes sociais. É notório que as pessoas começam a preocupar-se verdadeiramente e demonstram alguns cuidados, mais propriamente de que as suas partilhas sejam apenas para amigos próximos ou pessoas que conheçam pessoalmente, reservando assim, mais a sua privacidade.

As informações pessoais e familiares, tais como moradas e contactos estão no topo da lista das informações que nunca devem ser publicadas, existindo assim uma maior consciencialização para o perigo de recolha de informação e uso de dados. Existe a noção do que pode acontecer à informação recolhida neste mundo digital e o que pode advir desta exposição. Cada vez mais as pessoas estão alerta e têm consciência dos riscos ligados à falta de privacidade e segurança, associados à exposição nas redes de comunicação online.

Os objetivos principais desta investigação foram alcançados e os resultados obtidos permitiram melhorar o meu conhecimento acerca deste tema, já que muitas vezes estamos a ser constantemente vigiados nos passa despercebido. Para além disso, todo o processo de trabalho foi enriquecedor, pois a análise e leitura de diversas bibliografias que continham informação fundamental para a evolução do trabalho transformou o desenvolvimento do mesmo, uma vez que fiquei a compreender melhor este assunto.

No que toca a barreiras encontradas na realização desta investigação, uma delas assentou na marcação da reunião do grupo de foco, em que a disponibilidade dos participantes e a conciliação de datas compatíveis com todos foi demorada. Por fim, e tendo em conta a crescente expansão destas redes de comunicação e da questão da vigilância, esta dissertação de mestrado teve como intuito ser um modesto contributo para este tema e pretende assim, abrir pistas e novas linhas para futuras investigações mais especificamente sobre vigilância e controlo digital.

## Referências Bibliográficas

Alsghaier H., Akour M., Shehabat I., Aldiabat S. (2017). The Importance of Big Data Analytics in Business: A Case Study. *American Journal of Software Engineering and Applications*. Vol. 6, No. 4, 2017, p. 111-115, disponível em:

<http://www.sciencepublishinggroup.com/journal/paperinfo?journalid=137&doi=10.11648/j.ajsea.20170604.12>

Ali, Z. (Eds.) (2018). Facebook: The Modern Day Panopticon. *Contingent Horizons: The York University Student Journal of Anthropology*, Vol.4 (1), p.60-68, disponível em:

<https://contingenthorizons.files.wordpress.com/2018/11/ch41-61-68-ali.pdf>

Brayne, S. (2017). Big Data Surveillance: The Case of Policing. *American Sociological Review*, 82(5), p. 977–1008, disponível em: <https://doi.org/10.1177/0003122417725865>

Bruno, F. (2008). Monitoramento, classificação e controle nos dispositivos de vigilância digital. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*, (36), 10-16, disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4410/3309>

Cancelier, Mikhail. V. L. (2017). O Direito à Privacidade hoje: perspectiva histórica e o cenário brasileiro. *Seqüência*, n.76, p. 113-240, disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/seq/n76/2177-7055-seq-76-00213.pdf>

Christl, W. (2017). Corporate Surveillance in Everyday Life, p. 1-93, disponível em: [https://crackedlabs.org/dl/CrackedLabs\\_Christl\\_CorporateSurveillance.pdf](https://crackedlabs.org/dl/CrackedLabs_Christl_CorporateSurveillance.pdf)

Espanha, R., Estêvão, T. (2017). A Vigilância Lateral e Participativa na Web 2.0". *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXIII, p. 115 – 133, disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/15540.pdf>

Fast, Stephanie A. (2015). Facebook | Panopticon: an analysis of Facebook and its parallels to the Foucaultian Panopticon. *UTC Scholar*, p. 1-38, disponível em: <https://scholar.utc.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1030&context=honors-theses>

Foucault, M. (1999). *Vigiar e Punir*. Paris, disponível em : [https://social.stoa.usp.br/articles/0037/3030/Foucault\\_Vigiar\\_e\\_punir\\_I\\_e\\_II.pdf](https://social.stoa.usp.br/articles/0037/3030/Foucault_Vigiar_e_punir_I_e_II.pdf)

França, T., Faria, F., Rangel, F., Farias, C., Oliveira, J. (2014). *Big Social Data: Princípios sobre Coleta, Tratamento e Análise de Dados Sociais*, p.8-45.

Fróis, C. (org.). (2008). *A Sociedade Vigilante: Ensaio sobre Identificação, Vigilância e Privacidade*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Fuchs, Christian. (2015). Como podemos definir vigilância?. *MATRIZES*, n.1, p. 109-136, disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/38311/4115>

Giddens, A. (1988). As dimensões da modernidade, in *Sociologia, Problemas e Práticas*, 4, p. 237-251, disponível em: <http://sociologiapp.iscte-iul.pt/pdfs/36/407.pdf>

Moreira, Elizabeth H., Barichello, Eugenia M.M.R. (2015). A análise da vigilância de Foucault e sua aplicação na sociedade contemporânea: estudo de aspetos da vigilância e sua relação com as novas tecnologias de comunicação. *Intexto*, n.33, p. 64-65, disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/viewFile/50075/34203>

Romele A., Gallino F., Emmenegger C., Gorgone D. (2017). Panopticism is not Enough: Social Media as Technologies of Voluntary Servitude. *Surveillance & Society* 15(2), 204-221, disponível em: [https://ojs.library.queensu.ca/index.php/surveillance-and-society/article/view/not\\_enough/not\\_enough](https://ojs.library.queensu.ca/index.php/surveillance-and-society/article/view/not_enough/not_enough)

Soares, Elisianne C. M. (2011). Ciberespaço, vigilância e privacidade: o caso *Google Street View*. *Ciberlegenda*, p. 10-21, disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/viewFile/50075/34203>

Vicente, F. (2018, Agosto, 30), *Big Data: conectividade, implicações e desafios (Parte I)*, Cision, disponível em: <https://www.cision.pt/2018/08/big-data-conectividade-implicac%CC%A7o%CC%83es-e-desafios-parte-i/>

## Anexos

## **Anexo 1. Guião de entrevista do grupo de foco**

QUESTIONÁRIO: sobre atitudes e práticas sociais no contexto da comunicação digital

Boa tarde! Começo por agradecer a todos os elementos presentes e dispostos a colaborar neste grupo de discussão, que pretende captar as atitudes e práticas sociais no contexto da comunicação digital. Irei proceder á gravação da discussão mas toda a informação recolhida será tratada com confidencialidade e respeitando o anonimato de cada participante. Começo por pedir que cada um se apresente através de um nome pelo qual pretende ser tratado, a idade e o grau de escolaridade.

### **1) Qual é a vossa posição em relação às redes sociais e que uso lhes dão?**

- O porquê de utilizarem estas redes e se e são utilizadas com algum intuito específico.

### **2) Que tipo de informação colocam nas vossas redes sociais?**

- Que tipo de informação divulgam – morada; local onde estudam ou trabalham; e-mail; fotografias/vídeos pessoais.

### **3) Na vossa opinião, existem alguns cuidados a ter na partilha desses conteúdos?**

- Utilização dos dados pessoais por empresas – efeitos de *marketing*, ou para outros fins.

### **4) Que tipo de comportamento veem nos outros utilizadores das redes sociais que vos parece ter alguns riscos? Qual identificam como o maior risco da utilização de redes sociais? Existe algum fator negativo no seu uso?**

- Se a divulgação/apoderamento dos dados pessoais ou outras informações por parte de outros, é visto como um problema.

### **5) Nestas redes, tal como o Facebook, mesmo só aceitando pessoas conhecidas, sentem que existe privacidade?**

- Se se sentem à vontade/estão despreocupados por estarem a ser observados por quem conhecem.

6) Alguma vez já sentiram a vossa privacidade comprometida nas redes e de que forma estas afetaram a vossa privacidade?

- Se sentiram algum tipo de controlo por parte de alguém

7) Já utilizaram as redes sociais como forma de “espiar” alguém? Ver o que essa pessoa estava a fazer ou onde se encontrava, por exemplo.

8) Imaginem que tiveram uma rede social em que divulgaram alguma informação vossa e até fizeram algumas publicações, mas mais tarde decidiram apaga-la.

A questão é: Toda a informação colocada naquela plataforma desaparece no momento em que a conta é apagada e mais ninguém tem acesso a ela?

Pensam que a responsabilidade pela segurança digital, nomeadamente nas redes sociais, é dos utilizadores, das empresas ou dos Estados?



## **Anexo 2. Transcrição da entrevista do grupo de foco**

**Entrevistadora:** Começo por pedir que cada um se apresente, dizendo um nome pelo qual pretende ser tratado, a idade, grau de escolaridade e se se encontra empregado ou não.

**Margarida:** Pretendo ser tratada por Margarida, tenho 25 anos, tenho frequência de mestrado e neste momento estou a trabalhar.

**Luísa:** Luísa, 24 anos e estou a tirar licenciatura. Era trabalhador estudante, mas neste momento só estudante.

**Rita:** Rita, 26, tenho o 12º ano e estou a trabalhar.

**Ana:** Ana, 19 anos, sou estudante e estou no 12º ano.

**Rui:** Rui, 27 anos, tenho o 9º ano e sou trabalhador.

**Paulo:** Paulo, 26, sou trabalhador estudante, a tirar licenciatura.

**Entrevistadora:** Qual é a vossa posição em relação às redes sociais e que uso lhes dão?

**Rita:** Eu gosto e uso muito. Quer seja para conversar com amigos e também para publicar fotos...

**Margarida:** Já usei mais, agora tenho andado um pouco desligada das redes e não dou tanto uso. No início quando começaram a surgir era novidade e toda a gente aderiu, também aderi e gostava de partilhar músicas e conversar com amigos, era mais para isso. Hoje quando me lembro, serve só para conversar.

**Rui:** Tenho umas duas ou três redes sociais. Lá falo com amigos, mãe, irmãos, publico fotos, também envio piadas a amigos.

**Luísa:** Acho que as redes sociais vieram tornar mais fácil a comunicação e também uso mais para o mesmo.

**Paulo:** Uso, não estou sempre lá mas gosto de ir vendo e vou também publicando stories para conhecidos.

**Ana:** Também uso mais para isso, amigos, fotos...

**Entrevistadora:** Que tipo de informação colocam nas vossas redes sociais?

**Margarida:** Quando usava mais as redes sociais como tinha dito antes, baseava-me mais em termos de música e também para conhecer música. Em termos de fotografias e vídeo, nunca foi muito uma coisa que me puxasse mas era interessante ver o que os outros punham, isso era!

**Rui:** Fotos minhas, com família, insta stories, vídeos.

**Rita:** Eu também é isso.

**Luísa:** Fotos, se estou numa relação ou não.

**Ana:** Também para o mesmo que o Rui.

**Paulo:** Sim é isso, fotos, stories, partilhar algumas coisas...

**Entrevistadora:** Em relação a morada, local onde estudam e e-mail, costumam partilhar?

**Rita:** Morada não. É mais o distrito de Braga, idade e e-mail.

**Paulo:** A Localidade.

**Ana:** A localidade, a escola e o e-mail, acho que só.

**Luísa:** Não, isso torna-se mais interessante para uma pessoa que tenha um estabelecimento. Colocar a morada o telefone porque as pessoas vão querer contactar porque precisam desses serviços. Agora, acho que em termos de perfil pessoal, sem ter interesse e sem ter nada, acho que não faz sentido.

**Rui:** Morada nunca, nem telefone. Só o e-mail.

**Margarida:** Eu não ponho o ano, que ninguém precisa de saber o ano em que eu nasci. (risos) Morada e telefone também não, nem sequer número desconhecidos atendo quanto mais. E-mail só quando é para criar alguma conta.

**Entrevistadora:** Na vossa opinião, existem alguns cuidados a ter na partilha desses conteúdos?

**Luísa:** Sim, se as fotos que publicamos são para toda a gente ver ou se são só para os amigos próximos.

**Rita:** Quando coloco fotos e partilho a localização, acabo por não ter muito cuidado nesse aspeto. Acabamos por sem querer, dizer onde estamos.

**Rui:** Deve sempre existir, por exemplo não mostrar onde se mora.

**Paulo:** Há Facebooks e Instagrams em que as pessoas não têm noção daquilo que estão a aceitar, há alguns que aceitam qualquer um e outras pessoas que só aceitam mesmo quem conhecem. Depende de caso para caso.

**Ana:** Sim e eu tenho cuidados. Por exemplo só para os amigos chegados, ter a conta de Instagram privada, só para ver quem eu quero.

**Margarida:** E também mesmo aquela questão de que agora para o futuro, em termos de emprego, muitos empregadores andam a ver as redes sociais e nesse sentido, pode influenciar muita coisa.

**Entrevistadora:** E em relação aos vossos dados pessoais, têm algum cuidado nesse sentido? Estão cientes de que existem pessoas que podem utiliza-los?

**Rui:** Ninguém pensa nisso, nessa realidade.

**Luísa:** As pessoas ainda não pensam nisso.

**Margarida:** Sei que existe, principalmente as empresas mas não tenho partilhado nada de mais.

**Ana:** Há sempre esse receio mas na altura de publicar ninguém pensa nisso.

**Rita:** Pois, sei que há mas lá está, também nunca penso muito nisso

**Paulo:** Agora existe esta cena dos ginásios, por exemplo aconselhamentos que as pessoas usam muito este tipo de coisas... Ainda no outro dia me ligaram e nem sei como tiveram o meu número.

**Entrevistadora:** Que tipo de comportamento veem nos outros utilizadores das redes sociais que vos parece ter alguns riscos? Qual identificam como o maior risco da utilização de redes sociais? Existe algum fator negativo no seu uso?

**Rita:** No geral, demasiada exposição.

**Paulo:** Para mim um dos fatores negativos é a facilidade que existe em criar um Instagram ou Facebook ou algo do género falso, para atingir alguém ou falar mal de alguém. Acho que devia haver alguma situação que proibisse esse tipo de gente de criar um Instagram qualquer ou um Facebook qualquer. Identificar a pessoa e que aquele Instagram é daquela pessoa e mais nada. Não haver possibilidade de criar outro, sei que é difícil mas...olha.

**Lúisa:** Tanto no Facebook como o Instagram, imagina tu tens uma fotografia que acabaste de publicar e há muita gente que pode chegar e tirar um print à tua própria fotografia e guardar. Isso não deveria ser permitido de maneira a que não criassem um Facebook falso.

**Ana:** Isso dos prints faz-me confusão. Eu partilho alguma coisa para quem sigo e depois alguém tira print e já pode andar aí a circular...

**Margarida:** Também é uma das razões porque não partilho fotos, não gosto disso. Mas acho que partilhar locais e assim, onde estamos é mau e vejo muitos a fazer isso. Sabe-se lá quem pode estar atento a isso.

**Rui:** Isso é mesmo o pior, ou expor os filhos. Tanta gente que vejo até com o Facebook aberto e com fotos dos filhos pequenos para quem quiser ver!

**Rita:** Verdade, também encontro disso.

**Entrevistadora:** E ao facto de alguém poder apoderar-se dos vossos dados pessoais ou outras informações? Neste caso estavam a falar de fotografias e em relação a informações que podem ser utilizadas por outros meios?

**Rita:** Também podem criar com isso Instagrams e Facebooks falsos, com as poucas informações que têm, criar através disso, não só de fotos mas moradas. Por mais pequenas as informações, conseguem.

**Rui:** Claro que existe isso.

**Luísa:** O Facebook agora tem aquela facilidade, entre aspas, da localização. Recebes uma mensagem a dizer que algum dos teus contactos do Facebook está nas proximidades. Ou seja qualquer pessoa pode saber que estou aqui perto.

**Entrevistadora:** Nestas redes, tal como o Facebook, mesmo só aceitando pessoas conhecidas, sentem que existe privacidade?

**Rui:** Eu acho que não, que não tem privacidade. Acabas por não ter porque tu queres partilhar uma coisa, por exemplo uma foto

**Paulo:** Não. Há pessoas que aceitam tudo e só porque te deram uma palavra, já aceitamos Facebook. Amigos é com quem sais e partilhas muita coisa.

**Luísa:** Não e se as pessoas querem privacidade, não criam Facebook.

**Margarida:** Também não. Eu nunca tive a cena de partilhar informações pessoais minhas, mas sinto que não há privacidade no sentido em que pessoas de quem eu sou amiga partilham.

**Ana:** Lá está, como falamos antes da cena dos prints. Mesmo querendo, acho que não há privacidade e as às vezes as pessoas conhecidas ainda são as piores!

**Rita:** Não há, seja para quem for, estamos sempre expostos.

**Entrevistadora:** Alguma vez já sentiram a vossa privacidade comprometida nas redes e de que forma estas afetaram a vossa privacidade?

**Luísa:** A mim já aconteceu criarem um Facebook falso, com as minhas fotografias e no entanto a própria pessoa que criei o Facebook, andava a falar com pessoas amigas minhas. Conversas que eles tinham que nunca na vida eu iria ter!

**Margarida:** Não vou dizer aqui qual foi a cena em específico, mas já tive mesmo uma situação dessas, em que como era amiga da pessoa em questão, fui identificada em cenas que não havia a necessidade de... Ou seja, toda a gente que eu sigo basicamente teve acesso a essas coisas que não é preciso

saber o que é e para mim foi a maior invasão de privacidade e um dos motivos de eu nem sequer usar muito as redes. Isso afetou-me muito, mesmo.

**Paulo:** Já me aconteceu falarem coisas de mim, tem a ver com privacidade porque estão a falar nas costas e não diretamente comigo.

**Ana:** Que eu me lembre acho que nunca senti isso.

**Rita:** Oh alguém que eu seguia e me seguia, partilhar fotos minhas com outras pessoas e eu depois vir a descobrir... já aconteceu.

**Rui:** Eu acho que nunca aconteceu nada.

**Entrevistadora:** Já utilizaram as redes sociais como forma de “espionar” alguém? Ver o que essa pessoa estava a fazer ou onde se encontrava, por exemplo.

**Ana:** Não nunca, eu nunca.

**Rui:** Sim, eu já espiei. Não vou dizer que não, porque eu já espiei.

**Rita:** Sim, um ex namorado já... Ir lá ver para onde vai, o que está a fazer, ver quem gostou daquilo, que insta storie é que ele pôs. Nesse sentido só. Não é bem espionar, é um bocadinho controlo.

**Luísa:** Oh já, em alguma altura da vida toda a gente faz isso!

**Margarida:** Não e é mais um dos motivos para eu ter deixado de usar, mais vale nem saber.

**Paulo:** Não.

**Entrevistadora:** Imaginem que tiveram uma rede social em que divulgaram alguma informação vossa e até fizeram algumas publicações, mas mais tarde decidiram apaga-la.

A questão é, toda a informação colocada naquela plataforma desaparece no momento em que a conta é apagada e mais ninguém tem acesso a ela?

**Rui:** Eu acho que não desaparece.

**Rita:** Nunca desaparece. Há supostamente aquela nuvem.

**Luísa:** Há a opção de eliminar conta e mesmo eliminado, nunca desaparece. É preciso ter muito cuidado.

**Margarida:** Acho que a partir do momento em que entra na internet, uma pessoa pode sempre arranjar uma maneira de eliminar o Facebook, eliminar o que quer que seja, mas há-de se encontrar sempre alguém que é amigo de não sei quem e que vai ter acesso a não sei quê. E acho que são cenas que nunca desaparecem.

**Rita:** Mesmo que já esteja desativado, mesmo que nós não usemos, vai estar sempre ali.

**Luísa:** Por exemplo, toda a gente tem uma conta Google, certo? A Google tem uma equipa enorme a trabalhar para eles e tudo o que tu fazes, telemóvel, computador, eles estão a ver. O que estás a fazer, se estás vestida, se estás despida e eles próprios riem-se das coisas que vêm. Pode existir uma pessoa mal intencionada lá dentro que tira um print, estás livremente dentro de casa e riem-se da situação e colocam na net.

**Rita:** Isso é um bocadinho... tinha ideia do facto das coisas não desaparecem mas daí tudo ser propício a este tipo de coisas, também não.

**Entrevistadora:** Pensam que a responsabilidade pela segurança digital, nomeadamente nas redes sociais, é dos utilizadores, das empresas ou dos Estados?

**Luísa:** É dos utilizadores mas também é do estado.

**Ana:** Para mim, dos utilizadores.

**Rui:** Para mim é do estado e nossa, mas o estado permite que as empresas façam isso, eu acho que é isso.

**Paulo:** Mas entende que o Facebook é internacional. Cuidado que isso ainda é um bocadinho... estás a falar do estado e isso é pegar de muita coisa e antes de ser do estado, existe uma empresa.

**Rita:** Há a lei da proteção de dados.

**Paulo:** As empresas é que criam esse tipo de coisas e são os utilizadores que sedem às empresas e daí o estado vê um fim lucrativo. O estado é o último.

O estado claro que vê uma oportunidade de negócio mas quem cria essa oportunidade de negócio são as empresas.

**Lúsa:** É dos utilizadores! Quantas vezes não estás num site e aparece-te sempre os cookies. Muitas pessoas não estão atentas e aceitam logo. Ao aceitar esquece! Estás a partilhar os teus dados todos, independentemente de estares com o Facebook ligado, Instagram ligado, os teus dados estão todos no computador.

**Paulo:** E pronto, quem cria esses cookies são as empresas. As empresas criam e os utilizadores entram e quem tira fim lucrativo é o estado. Não tem a culpa diretamente mas anda ali a ganhar dinheiro e aproveita-se disso.



### **Anexo 3. Inquérito por questionário online**

#### **1. Género**

Masculino \_\_\_\_\_

Feminino \_\_\_\_\_

#### **2. Idade \_\_\_\_\_**

#### **3. Grau escolaridade**

- Escolaridade inferior ao 3º ciclo do ensino básico

- 3º ciclo do ensino básico (9ºano)

- Ensino secundário (12º ano)

- Ensino superior - licenciatura

- Ensino superior - mestrado

- Ensino superior - doutoramento

#### **4. Que redes sociais utiliza? (Pode escolher mais que uma opção)**

- Facebook

- Instagram

- WhatsApp

- YouTube

- Snapchat

- Twitter

- Hi5

- Myspace

- Outra: \_\_\_\_\_

#### **5. Qual o uso que dá às redes sociais? (Pode escolher mais que uma opção)**

- Conversar e manter contacto com amigos/familiares/colegas

- Conhecer pessoas novas

- Partilhar fotografias e/ou vídeos pessoais

- Partilhar fotografias e/ou vídeos de outros
- Partilhar desabafos da minha vida
- Para saber novidades dos outros

**6. Que tipo de informação coloca nestas redes? (Pode escolher mais que uma opção)**

- Fotos e/ou vídeos pessoais
- Informações pessoais (onde moro, onde estudo, o meu e-mail, telemóvel...)
- Interesses
- Comentários
- Pensamentos
- Não coloco nada

**7. Nas redes sociais, é amigo ou segue... (Pode escolher mais que uma opção)**

- Pessoas que conhece pessoalmente
- Amigos de amigos ou familiares
- Desconhecidos

**8. Costuma aceitar todos os pedidos de amizade que recebe?**

- Sim, todos.
- Sim, apenas se conhecer pessoalmente a pessoa.
- Não
- Outro \_\_\_\_\_

**9. Alguma vez consultou as definições de privacidade da(s) rede(s) social(ais) que utiliza?**

- Sim
- Não

**10. Alguma vez alterou as definições de privacidade da(s) rede(s) social(ais) que utiliza?**

- Sim
- Não

**11. As suas publicações nas redes sociais podem ser vistas por...**

- Apenas por amigos/seguidores
- Qualquer utilizador da rede

**12. Na sua opinião, que tipo de informação não deve ser publicada?**

---

---

**13. Qual o fator negativo das redes sociais? (Pode escolher mais que uma opção)**

- Riscos ligados à segurança
- Perda de privacidade
- Tempo dedicado à navegação nas redes sociais
- Barreiras para a socialização física
- Comprometimento da forma de pensar independente
- Não vejo nenhum fator negativo

**14. Qual o fator mais positivo no uso das redes sociais? (Pode escolher mais que uma opção)**

- Novos amigos
- Conversar mais facilmente
- Poder partilhar fotos
- Liberdade de expressão
- Fama/reconhecimento

**15. Quando elimina informações da sua rede social, o que pensa que acontece?**

- Uma vez eliminada a informação, mais ninguém pode vê-la.
- Mesmo quando é eliminada, a informação continua nas redes.
- Não sei

**16. Indique o seu grau de concordância com as seguintes afirmações:**

- De um modo geral, as pessoas não estão preocupadas com a sua privacidade quando usam as redes sociais.

Concordo Totalmente   Concordo   Sem opinião   Discordo Totalmente   Discordo

- De um modo geral, as pessoas não estão preocupadas com a sua segurança quando usam as redes sociais.

Concordo Totalmente   Concordo   Sem opinião   Discordo Totalmente   Discordo

- De um modo geral, as pessoas não têm noção do que pode acontecer às suas informações pessoais.

Concordo Totalmente   Concordo   Sem opinião   Discordo Totalmente   Discordo

- De um modo geral, as pessoas quando entram num site, não leem os alertas e aceitam os cookies.

Concordo Totalmente   Concordo   Sem opinião   Discordo Totalmente   Discordo

- De um modo geral, as pessoas não tem cuidado quando publicam fotos dos locais onde se encontra, ou fotos de menores.

Concordo Totalmente   Concordo   Sem opinião   Discordo Totalmente   Discordo